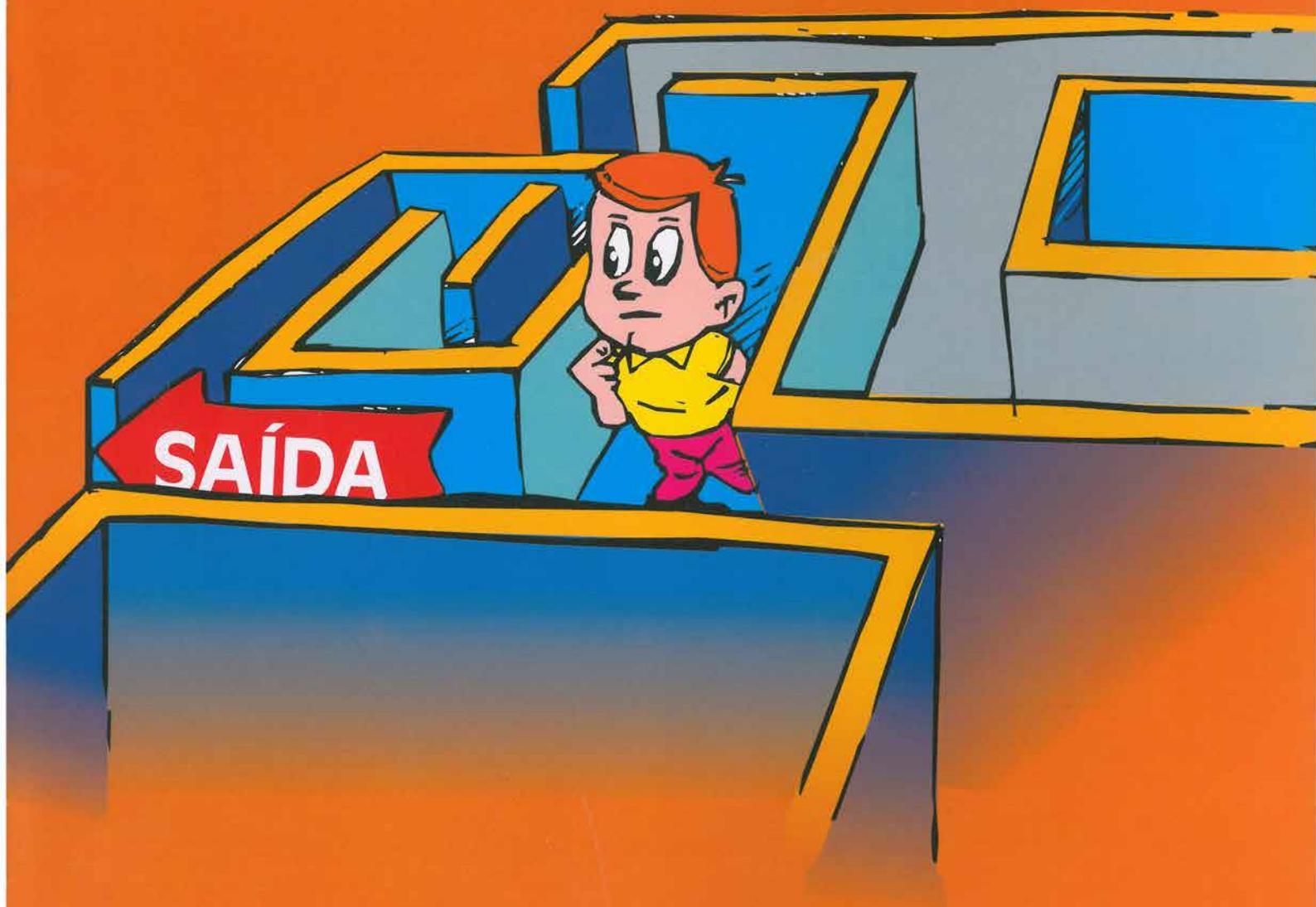


a chama



**Na escola, na família e na vida:
como reconhecer, respeitar e ultrapassar os limites**

UMA VIAGEM NAS MEMÓRIAS
DE MOACYR DE GÓES



MAIS UMA CHANCE



VIDAS ALÉM DA FICÇÃO



NOVOS TEMPOS,
VELHOS INSTRUMENTOS



RESULTADOS DE UM TRABALHO
QUE DEU CERTO



PEDAGOGIA, SOLIDARIEDADE
E COMEMORAÇÃO



PULANDO MUROS E
CONSTRUINDO PONTES



CONVITE DE SÃO VICENTE



EXPEDIENTE

a chama

Revista editada pela APM
Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XXXI – Nº 69
novembro/2004

Rua Cosme Velho, 241 – Cosme Velho – CEP 22241-090 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (21) 2556 0796 e-mail: csvp@csvp.g12.br

Supervisão Editorial: Pe. Lauro Palú e diretoria da APM
Coordenação Editorial: Marco Vinícius Bittencourt e João Afonso de M. Teixeira
Reportagens, redação, edição e revisão: Ana Beatriz de Noronha (anabe@uol.com.br), Cátia Guimarães e Rodrigo Cerqueira
Projeto Gráfico: Oswaldo Eduardo Lioi
Programação visual e capas: Bruna Werneck
Colaboração: Gilberto de Carvalho e Antônio Moraes – Serviço Audiovisual / CSVp (fotos) e Beto Vieira (ilustrações)

DIRETORIA DA APM

Presidentes: Sérgio Mourão Castiglione e Denise Maria Braune
Vice-Presidentes: Marco Vinícius e Rosária Bittencourt
Relações Públicas: João Afonso de M. Teixeira e Solange Pires de M. Teixeira
Tesoureiros: Edevino Panizzi e Elizabeth Mary Taucei
Secretários: Geraldo Guimarães e Cristiana Andrade Mello
Representantes dos Professores: Cristina C. Vellaco e Gerson Vellaco Junior

SUMÁRIO

Este é o último número de a chama publicado pela atual diretoria da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo. Novos diretores deverão ser eleitos para os anos de 2005 e 2006.

Com que mensagem gostaríamos de nos despedir dos leitores? "Participem". E façam isto rápida e veementemente. Nós temos muito a agradecer por esta oportunidade que nos foi dada.

Nossos filhos – mesmo os nossos – são campo fértil para manipulações empreendidas por interesses dissimulados e bastante diversos daqueles que nos reúnem no âmbito filosófico desta Escola.

A ela, cabe abrir os espaços para um encontro democrático com o conhecimento, que se acompanhe de processo crítico, que discuta o saber, que privilegie as trocas e que não favoreça apenas a condução de um rosário de regras pré-determinadas.

Aos Pais, cabe a percepção da existência desses ambientes internos e em torno dos jovens e, principalmente, a consciência de que, apesar da multiplicidade das influências a que estão sujeitos, é de nós que eles aguardam, ansiosos e idólatras, a sinalização das regras a obedecer, dos limites a quebrar, e a companhia nos sucessos e nos insucessos dessa caminhada.

A Diretoria da APM

ENTREVISTA: Moacyr de Góes	
Ex-professor, sempre amigo	2
COMO SE FAZ	
Recuperação: uma segunda chance para a nota e o conteúdo	4
EJA	
Assim na tela como na vida real	6
ESPECIAL	
O que você quer ser quando crescer?	7
AÇÃO PEDAGÓGICA	
Dever de casa como instrumento pedagógico	10
AÇÃO SOCIAL	
Côcos: caminhando com os próprios passos	11
DIA DE SÃO VICENTE	
Trabalho, solidariedade e celebração para o dia de São Vicente	14
CAPA	
Limites: Quem tem? Quem precisa?	16
ESPAÇO APM	
APM: esforço que vale a pena	20
Uma solução construtiva	22
AÇÃO PASTORAL	
Um campo à espera de mais missionários	24
ETC	
A chama é de todos	26
Uma outra face do Grauninha	27
NOTAS	28
CARTAS	32

Ex-professor, sempre amigo

Nas lembranças de Moacyr de Góes, a história do São Vicente

Moacyr de Góes nasceu em Natal (RN), em 1930, mas acabou virando “Cidadão do Estado do Rio de Janeiro” por circunstâncias da vida e por título recebido da Alerj. Formado Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, abraçou o magistério. Como professor, deu aulas de História em vários colégios de ensino médio em Natal, onde fundou o Ginásio Municipal, em 1958, e instituiu a cadeira de História da América na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Foi Secretário Municipal de Educação três vezes: em Natal, de 1960 a 1964, quando coordenou a campanha *De Pé no Chão também se Aprende a Ler* – movimento de Educação Popular de combate ao analfabetismo –, no Rio de Janeiro, durante o governo de Saturnino Braga (1987-88); e novamente em Natal, no ano de 1989.

Ainda no Rio Grande do Norte, coordenou, nos anos de 1963 e 1964, a Ação Popular (AP) – organização política criada por Betinho, a partir do movimento Juventude Universitária Católica (JUC). Militante pelos direitos sociais, foi preso pelo Golpe de Estado de 1964, permanecendo sete meses no cárcere. Com a anistia, foi reintegrado à Universidade em 1979 e transferiu-se para a UFRJ, onde voltou a lecionar História da América e exerceu a função de Superintendente de Extensão Universitária na administração do Reitor Horácio Macedo (1986-87). Como se tudo isso não bastasse, Moacyr de Góes é ainda autor de vários livros – dentre eles, *Sem paisagem: Memórias da prisão, Entre o rio e o mar; O golpe na Educação*, em co-autoria com Luís Antônio Cunha; *Dois livros de Djalma Maranhão no exílio*, e *7 contos curtos e um outro nem tanto* – e dono de valiosas lembranças que vai dividir com os leitores da *chama*.

A Chama: Quando e como começou sua relação com o CSVP?

Moacyr de Góes: Depois que fui libertado da prisão política, em dezembro de 1964, vim para o Rio de Janeiro refazer a vida. Bati em muitas portas até conseguir meu primeiro emprego – professor do Colégio Carvalho de Mendonça –, por intermédio da jornalista Eneida. O segundo, em meados de 1965, foi o CSVP; cujo diretor, Pe. Marçal, havia recebido

o meu currículo pela professora Creusa Coelho, da Ação Católica. O terceiro emprego foi no Senac/DN.

A Chama: O que significou essa relação com o Colégio num momento em que o país vivia um período político conturbado e em que a educação, com Paulo Freire, e o catolicismo, com a Teologia da Libertação, passavam por grandes transformações?

Moacyr de Góes: O período foi conturbado mas a linha educacional e política do CSVP estava bem definida. Em 1966 ou 67, foi realizada no Rio uma Conferência Latino-Americana de Religiosos, que produziu textos de preparação ao Encontro de Medellín (1968). A convite do Pe. Marçal e com a colaboração do dominicano Frei Eliseu, participei da redação do texto sobre especificidades da História do Brasil no contexto religioso latino-americano. Em 1969 ou 1970, vários Professores do CSVP, mais afinados com sua política educacional, passaram três dias em Petrópolis adequando os princípios da filosofia educacional da Escola às conclusões de Medellín. A Teologia da Libertação teve seu apogeu em Medellín, durante o papado de Paulo VI, e é importante constatar que ali está explicitado o pensamento de Paulo Freire e a prática da antiga JUC, com o seu método de *ver, julgar e agir*, uma das vertentes da Educação Popular dos anos 60. O CSVP sempre foi identificado como um núcleo de resistência à ditadura. Várias vezes, o Pe. Almeida foi chamado ao Dops [Delegacia de Ordem Política e Social] para “explicar” conteúdos ministrados em sala de aula pelos Professores que eram “dedurados” por País sem compromissos com a liberdade educacional praticada. Os Grêmios estudantis não foram domesticados. Basta consultar a coleção do jornal *Comunicado*, editado pelo Grêmio do Colegial.

Quando voltei a sofrer ameaças de prisão pelo AI-2 (ou AI-5?), fui convidado por Paulo Freire para trabalhar no Chile. O Mirabeau Lopes, do SOE do CSVP, fez contato com a Nunciatura e as portas da embaixada chilena me foram abertas por interferência do Núncio Apostólico Dom Sebastião Baggio. Felizmente a opção do exílio não foi necessária.



A Chama: O que o levou a escolher o CSVP como escola para seus filhos?

Moacyr de Góes: Quatro dos meus cinco filhos – Clara Raissa, José Roberto, Moacyr e Maria Idália – cursaram a Escola Pública José de Alencar, nas Laranjeiras, e depois o São Vicente. A mais velha, Clara Raissa, chegou a ser aprovada no concurso para o Pedro II, mas acabou participando, a convite do Pe. Almeida, da primeira turma mista que se formava no Colégio. Leon, o caçula, já começou o primeiro grau no São Vicente. Eu sempre gostei da linha adotada pelo São Vicente e fui aprendendo a juntar as duas funções no mesmo processo: pai em casa e educador no colégio.

A Chama: No âmbito familiar, que importância teve essa relação com o CSVP?

Moacyr de Góes: No Rio de Janeiro, o São Vicente foi a minha segunda casa. Aqui, por vinte anos, construí uma relação que ia muito além de empregado-empregador. Devido à identidade religiosa católica e à afinidade ideológica de resistência à Ditadura, vivi no CSVP um clima amoroso de conluio, conspiração, participação e co-responsabilidade. Diria que partilhei o papel gramsciano de “intelectual orgânico” com os padres Marçal, Dario, Almeida, João Batista e Márcio e com os professores Tedesco, Jorge Luís, Aloísio, Lopes e tantos outros que é impossível nomear todos. A coerência das posturas em casa – no apoio recíproco à minha mulher na construção da humanização dos filhos – e no CSVP – na construção do

conhecimento –, foi decisiva na formação do caráter e da cidadania dos meus filhos. Minha casa era a extensão da sala de aula e esta, a extensão da minha casa.

Tem um fato que pode ilustrar bem esse clima de humanização de relações. Minha convocação para ser qualificado na 7ª Região Militar, no Recife, onde respondia ao IPM sobre “subversão” no Rio Grande do Norte, coincidiu com o aniversário de minha filha Clara Raíssa. Nesse dia, minha mulher teve uma grande surpresa: Pe. Almeida foi à minha casa e convidou minha filha e ela para um jantar no restaurante Roda Viva, na Urca, remediando, assim, a ausência do pai.

A Chama: Como educador, que fatos e pessoas, o senhor destacaria como fundamentais no estabelecimento das bases para a educação no país?

Moacyr de Góes: Você está me superestimando. Essas questões deveriam ser respondidas num seminário de especialistas, mas como “não deixo um amigo na estrada”, vamos à síntese, com todos os pecados de omissão que ela carrega, limitada, ainda, ao meu tempo histórico, isto é, pós-1930.

A Chama: Quais foram os principais avanços e retrocessos históricos do setor?

Moacyr de Góes: Como avanços, eu destacaria o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, de 1932, primeira aliança de educadores liberais e socialistas; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1961, apesar da indefinição sobre a Escola Pública; a Educação Popular e seus movimentos fundacionais, lançados no início dos Anos 60 – o Movimento de Cultura Popular (MCP), a campanha *De pé no chão também se aprende a ler*, o Movimento de Educação de Base (MEB), desenvolvido pela CNBB e pelo Governo Federal, e o Centro Popular de Cultura (CPC), da UNE –; a Emenda Calmon à Constituição de 1946, que assegurou recursos à educação pública; os programas de pós-graduação da Capes; a Bolsa-Escola que, numa política pública de redistribuição de renda, busca tirar a criança do trabalho infantil e encaminhá-la à escola; a educação infantil das creches, antecipando a alfabetização; e, por fim, a quase universalização do ensino fundamental (início do século 21). Como retrocessos: a Reforma Capanema, no tocante à separação em escolas para ricos e escolas para pobres (Estado Novo); os acordos MEC-Usaid (1964-68), impostos pela Ditadura, que representavam a abdicação da decisão de brasileiros sobre o processo educativo no país; interferências do Banco Mundial, do

BIRD e do FMI nas indébitas tentativas de modelagens da educação brasileira em consonância com o pensamento único do neoliberalismo, como, por exemplo, a “reforma” universitária que o Ministério da Educação está empurrando goela abaixo no ensino de terceiro grau (2004). Como pessoas-símbolos, referências de uma época, eu nomearia: Anísio Teixeira, Paulo Freire, Darcy Ribeiro e Cristovam Buarque.

“Devido à identidade religiosa católica e à afinidade ideológica de resistência à Ditadura, vivi no CSVP um clima amoroso de conluio, conspiração, participação e co-responsabilidade”

A Chama: Como o senhor vê o cenário atual nesse setor? A qualidade do ensino caiu?

Moacyr de Góes: Vejo com otimismo. As dificuldades e contradições são oriundas de uma demanda reprimida em educação de mais de cem anos. Então, Roma não vai se fazer num dia. Por outro lado, a globalização (que é irreversível) é uma realidade ainda muito recente. A avaliação da qualidade do ensino de hoje é uma questão complexa. Quando a escola atendia apenas a alta classe média e a professora falava francês e ensinava música, isto é, nos anos 30, os padrões de qualidade eram, necessariamente, muito diferente dos usados para avaliar as escolas de hoje, que abrigam todas as classes sociais em suas salas. A educação para todos é um direito constitucional e uma exigência política democrática. Lamentável é que à expansão quantitativa não tenha correspondido o mesmo crescimento qualitativo. Isso, no entanto, é corrigível em menos de uma década, desde que haja o necessário investimento público, aplicado com seriedade e competência. Esta é a nossa luta atual.

A Chama: Existe vontade política para melhorar a educação no Brasil atualmente?

Moacyr de Góes: Acredito que sim. Infelizmente, o meio de campo está meio enrolado e tem muito macaco em casa de louça apontando para soluções populistas e fazendo remendos que não resolvem. Um exemplo

disso é o Bolsa-Família, uma boa proposta de política pública de redistribuição de renda que, sem a contrapartida do menino frequentando a escola e vacinado, vira esmola. E já dizia o baiano de Luís Gonzaga que a esmola vicia e humilha o cidadão. Um segundo exemplo: o slogan “universidade para todos” está errado. O correto seria educação para todos e universidade para os que se qualifiquem para isso por meio de um ensino médio de qualidade para todos, inclusive com bolsas para os estudantes carentes, sejam eles brancos, negros, pardos, verdes ou vermelhos. A carência econômica deve ser o parâmetro e não a cor ou origem étnica. Com as cotas, que não passam de “janelas populistas”, também está se humilhando o cidadão-estudante. No ensino de terceiro grau há muitos outros “imbróglios”, dentre os quais o sucateamento das universidades públicas enquanto se dá dinheiro para as particulares, com dispensa de impostos em troca de vagas. Se isso fosse um romance policial, na busca da resposta a quem interessa esse crime, eu não perderia tempo com o mordomo, iria direto ao Banco Mundial, ao BIRD e ao FMI, isto é, à globalização capitalista internacional.

A Chama: De que forma podemos relacionar Educação e Religião?

Moacyr de Góes: Educação e Religião se relacionam no “mundo da cultura”, como Paulo Freire gostava de chamar nossa visão de mundo. Para nós, católicos, a importância maior é a da transcendência, isto é, o reconhecimento de que o Pai é o criador e eu sou a criatura. A educação, sendo pública, deve ser laica, em cumprimento ao preceito republicano que separa Estado e Igreja, mas eu não vejo incompatibilidade em acrescentar esse parâmetro religioso à Educação. Pelo contrário, considero que ele enriquece a transmissão do conhecimento e a formação da cidadania.

A Chama: O que, na sua opinião, significa “formar agentes para a transformação social”?

Moacyr de Góes: Entendo que “formar agentes para a transformação social” é criar uma educação crítica, plural, dialogal e participativa. Uma educação com o homem e não para o homem, citando mais uma vez Paulo Freire. É perceber que o homem é sujeito da História e não seu objeto. É levar o homem a transformar a natureza e, nesse processo, se transformar socialmente, como cidadão, como dizia Marx. Essa proposta do São Vicente ainda é herança de Medellín, o cenáculo no qual a Teologia da Libertação abriu caminho para se registrar na história. ■

Recuperação:

Fernando Ferreira está no 3º ano e, desde a 3ª série do ensino fundamental, só passou direto, sem ficar em recuperação, no ano passado. Isso porque, no ano anterior, precisou ganhar dois décimos do conselho de classe para ser aprovado. Na reta final, em plena véspera de vestibular, ele está em recuperação de novo. O motivo? “Chego em casa e esqueço do Colégio, não faço os deveres de casa. Além disso, depois das férias do meio do ano, entro em outro ritmo e não consigo prestar atenção nas aulas”, explica.

“Normalmente, os alunos ficam em recuperação nas matérias não-específicas da carreira para a qual eles vão prestar concurso porque dedicam-se a estudar as outras”

Maria Clara, orientadora do SOE



uma segunda chance

Mas quando chega a hora da recuperação, ele não tem outra alternativa a não ser estudar. “Consigo recuperar a matéria, mas logo esqueço tudo que aprendi na recuperação, porque é muito rápido. Se aquele conteúdo for pré-requisito para outra matéria no ano seguinte, por exemplo, tenho que me esforçar para aprender de novo”, confessa.

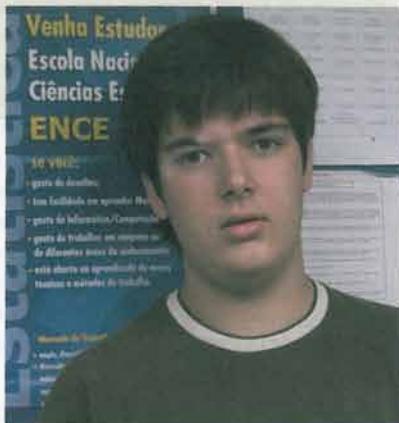
Fernando nunca ficou reprovado no São Vicente e está razoavelmente tranquilo porque o curso que ele quer fazer só é oferecido por universidades privadas, o que torna, segundo ele, o vestibular um bicho menos complicado. O problema é que todo esse processo ajuda na recuperação da nota e, conseqüentemente, na aprovação para a

série seguinte. Mas, no São Vicente, a idéia da recuperação é ser uma segunda chance para o aluno entender o conteúdo que foi ensinado em sala de aula. “A recuperação é um direito tanto do aluno que tirou abaixo de seis quanto daquele que, embora tenha média para passar, quer melhorar sua nota ou estudar mais a matéria”, explica Solange Borba, coordenadora do segundo segmento do ensino fundamental.

Em todas as séries, o aluno que fica em recuperação precisa fazer uma prova. Mas essa é só a última fase. Antes disso, cada professor elabora uma folha com orientações sobre as tarefas (exercícios, trabalhos) e prazos que ele determinou para a recuperação. O Colégio oferece recuperação três vezes por ano, no final de cada trimestre letivo, para os alunos que ficaram com média abaixo de seis. Os alunos têm, portanto, duas chances de se recuperar antes do final do ano. Se

chegou à reta final com menos de 18 pontos, a nota da recuperação vai definir se ele passa de ano ou é reprovado.

E quem pensa que no 3º ano do ensino médio esse fantasma é substituído pelo do vestibular está redondamente enganado. “Se passar no vestibular, mas não for aprovado no Colégio, não adianta nada. Fica reprovado e não pode ingressar na faculdade”, explica Maria Clara, orientadora do Serviço de Orientação Educacional (SOE) para o ensino médio, ressaltando que, embora já tenha ocorrido, esses casos são raríssimos. Na verdade, o vestibular pode ser o grande vilão dessa história. “Normalmente, os alunos ficam em recuperação nas matérias não-específicas da carreira para a qual eles vão prestar concurso porque dedicam-se a estudar as outras”, completa. Para minimizar o estrago que isso pode representar, a recuperação do 3º ano dura três semanas e envolve, antes da prova, aulas que são oferecidas gratuitamente. As crianças de 3ª e 4ª série do ensino fundamental que ficam em recuperação ou que, mesmo sem nota vermelha, estão com dificuldade no conteúdo, recebem aulas de reforço sem custo depois do horário regular de aula. Em todos os outros casos,



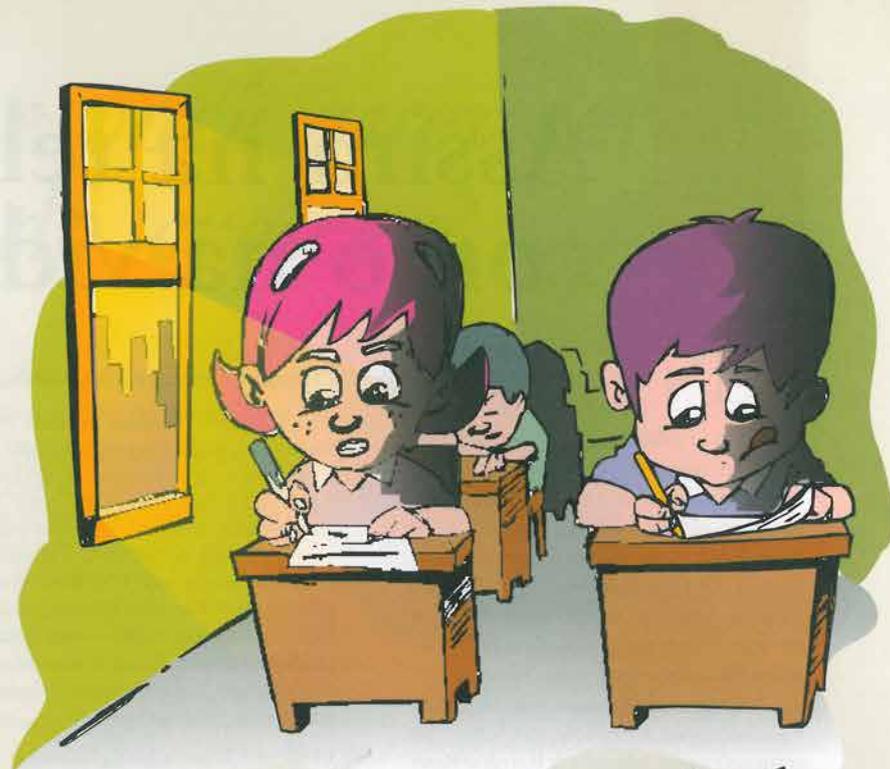
“Consigo recuperar a matéria, mas logo esqueço tudo que aprendi na recuperação, porque é muito rápido.”

Fernando Ferreira, 3º A

se sentir necessidade de um momento extra para tirar dúvidas com o professor, o aluno tem que pagar por isso.

Nota e conteúdo

Um grande esforço das coordenações de todos os segmentos do São Vicente tem sido mostrar aos alunos e professores que o objetivo final da recuperação é retomar o conteúdo e não clarear o boletim. Mas como, de forma prioritária ou não, esse processo acaba se traduzindo numa nota, que substitui a anterior, abre-se caminho para a polêmica. “Alguns professores não aceitam essa troca de nota, ficam presos a números. Achem que isso leva o aluno a não fazer no trimestre todo o esforço que poderia. Mas não podemos partir desse pressuposto nem generalizar”, diz Solange. E completa: “Nossa fala não pode ser sobre a nota, mas sobre a necessidade de ele ter uma boa recuperação para ir tranquilo para a série seguinte”.



para a nota e o conteúdo

Diogo Freitas, aluno do 1º B, confessa que tira proveito desse processo. “Às vezes eu faço as contas: prefiro estudar para ficar com nota boa em algumas matérias e ir para a recuperação em outras. Recupero e fico com nota alta em tudo. É melhor do que eu estudar para todas e ficar cheio de notas seis”, conta. E ele propõe algumas mudanças: “Acho que a recuperação daqui é muito fácil. Todo ano eu sei que vou passar. Este ano, decidi ficar em recuperação em matemática para melhorar a nota. Acho que não precisava haver substituição, a nota final deveria ser a média entre a da recuperação e a anterior”, opina.

Mas há ainda um outro fator a ser considerado. Nem sempre o aluno fica em recuperação por causa da nota da prova. Solange conta que, este ano, se deparou com o caso de uma turma que ficou quase inteira em recuperação em química. Quando foi avaliar, ela viu que quase ninguém tinha feito o trabalho que o professor passou. “Às vezes também o aluno entra em recuperação porque não está minimamente organizado para o estudo”, completa.

Alternativas e precauções

O processo formal de recuperação não é o único caminho seguido pelo Colégio.

A coordenação de 5ª a 8ª série ofereceu, este ano inteiro, por exemplo, grupos de estudos durante os tempos vagos dos professores. Mas a procura foi mínima. Solange diz que também faz um trabalho regular de incentivar os bons alunos a colaborarem com os que estão mais fracos.

Cordelia de Freitas, orientadora do SOE para o mesmo segmento, diz que é importante ouvir as famílias para ver, principalmente, como o Colégio pode ajudar. “Fazemos um convite às famílias para que leiam a folha de orientação dos professores, anotem os prazos e os temas e ajudem os filhos na organização”, explica. Segundo ela, os pais normalmente são receptivos ao convite, embora, em alguns casos, fiquem bravos, principalmente quando sabem que o filho ficou com nota baixa porque não entregou algum trabalho.

No caso dos pequeninhos, o acompanhamento é mais fácil. A coordenadora de 3ª e 4ª séries, Liliane dos Santos, explica que a coordenação pode se reunir semanalmente com toda a equipe porque, diferente dos outros segmentos, seus professores estão no Colégio todos os dias. “Quando identificamos que o aluno não está bem, chamamos os pais imediatamente”, diz. ■

“Às vezes também o aluno entra em recuperação porque não está minimamente organizado para o estudo”

Solange Borba, coordenadora do segundo segmento do ensino fundamental



Assim na tela como na vida real

No dia 30 de agosto, os alunos do curso noturno deixaram as salas de aula e foram para o auditório. Naquela noite, em vez do quadro negro, uma tela de cinema. Era a EJA participando do Projeto Cinema BR em Movimento, que trouxe para o CSVP o filme “O Caminho das Nuvens”, de Vicente Amorim. Como muitos alunos vêm do Nordeste, não era de se estranhar que o filme despertasse tanto interesse.

A surpresa, no entanto, veio no debate realizado após a exibição do filme. Ao comentar a saga da família de Romão e Rose, os alunos se emocionaram e, no meio da emoção, dois depoimentos chamaram a atenção das quase 250 pessoas presentes. “Também sou um retirante nordestino, só que não cheguei ao Rio de bicicleta, como os personagens do filme, e sim a pé”, contou José Cícero Lopes da Silva. “Na primeira vez que vim ao Rio, eu ‘descobri’ que Papai Noel morava aqui e que dava presentes às crianças. Eu queria voltar para ver Papai Noel de novo”, revelou Ivete Mesquita dos Santos.

As histórias de *Seu José* e Ivete são muito diferentes, mas ambas tiveram o nordeste como ponto de partida, o sonho e a esperança como propulsores e o Rio como objeto de desejo.

“Eu queria chegar e cheguei”

José Cícero Lopes da Silva trabalhava na fazenda Goiânia, em Alagoas, sem carteira assinada e recebendo R\$10,00 por semana. Cansado de ser explorado,

O projeto: Cinema BR em Movimento

O Projeto Cinema BR em Movimento foi criado, em maio de 2000, com o objetivo de permitir o acesso da população brasileira aos seus bens audiovisuais, difundir e formar platéias para o cinema nacional. O Cinema BR em Movimento atua em duas vertentes principais: o Circuito Universitário e o Circuito Comunitário, voltado para um público que normalmente não tem acesso às salas de cinema, por condições geográficas ou econômicas.

O filme: O caminho das nuvens

Praça do Meio do Mundo, interior da Paraíba. Esse é o ponto de partida de Romão (Wagner Moura), motorista de caminhão desempregado, que se sente um cabra destinado a ganhar um salário de mil ‘real’ por mês - quantia que considera a mínima necessária para prover uma vida digna à mulher Rose (Cláudia Abreu) e aos cinco

filhos. Em quatro bicicletas, o obstinado Romão, a mulher e os filhos atravessam cinco estados e pedalam 3.200 km.

Em sua epopéia nordestina, a família enfrenta fome e sede, conhece a solidariedade e a indiferença, o atraso e o progresso, a agressividade e a cordialidade das pessoas que encontra pelo caminho. Enfrenta também crises familiares - provocadas sobretudo por Antônio, um adolescente questionador da autoridade paterna e muitas vezes seduzido pelas atrações propiciadas pela estrada. Durante a longa e imprevisível viagem, a família estabelece contato tanto com o Brasil profundo de romarias religiosas, em Juazeiro do Norte, como com o Brasil de celebrações fajutas para turistas em Porto Seguro.



ele pediu aumento, mas não recebeu. Resolveu, então ir embora. O destino? Rio de Janeiro, onde tinha uma irmã que já não via há mais de 30 anos. A data de partida? Dia de São João, 24 de junho de 2003. A bagagem? Oitenta e cinco quilos de roupas, farinha, feijão e carne. O meio de transporte? Seus pés e muita determinação. A companhia? Como ele faz questão de afirmar, Deus.

Durante a viagem, fez “bicos” para ganhar algum dinheiro e poder comprar comida. Dormiu na beira da estrada, pegou chuva e passou necessidades, mas conseguiu chegar ao seu destino, quase três meses depois. Com a ajuda de uma assistente social e da Associação de Moradores do Cerro Corá, achou a irmã Maria de Fátima e arranjou um emprego. O passo seguinte foi vir para o São Vicente aprender a ler e, sem querer, virar personagem na revista *chama*. Sobre a Cidade Maravilhosa, um elogio e uma reclamação: “Eu gostei porque fui bem tratado por todos, o problema é a violência. Lá onde eu morava, a gente podia dormir de porta aberta”.

“Eu precisei pagar para ver o meu cajueiro”

Trabalhando como babá, aos dez anos

de idade, Ivete Mesquita dos Santos, veio ao Rio com os patrões e, pela primeira vez na vida, viu Papai Noel. No Natal, ganhou presentes e escreveu para a irmã: “Papai Noel existe e mora no Rio”. Logo depois, Ivete voltou para a sua terra. A idéia de vir morar no Rio, no entanto, permaneceu com ela. Com 16 anos, após muitas idas e vindas, o sonho finalmente se realizou e lá foi Ivete ver a chegada de Papai Noel no Maracanã. A decepção foi enorme. “Papai Noel nem me viu, nem veio falar comigo. Acho que foi nessa hora que caiu a ficha”, lembra, citando ainda o outro ídolo, Roberto Carlos, o qual acreditava compor músicas para ela.

No Rio ela casou, teve filhos e não pôde estudar. Sempre achando que um bom exemplo vale mais do que mil palavras, parou de fumar para ajudar o filho a largar o vício e voltou a estudar, na esperança de convencer suas filhas a levarem uma vida diferente da dela. Ivete é flamenguista e mangueirense. “A pau-de-arara virou carioca”, brinca. A tristeza fica por conta “do maior cajueiro do mundo”, que ela deixou no Rio Grande do Norte: “Eu fui levar meus filhos para ver o cajueiro em que eu brincava e tive que pagar, porque ele virou ponto turístico. Eu senti como se tivessem tomado o meu cajueiro de mim”.



OS ALUNOS IVETE MESQUITA DOS SANTOS E JOSÉ CÍCERO LOPES DA SILVA

O que você quer ser quando crescer?

Uma das mais famosas tiradas do escritor Fernando Sabino, morto em outubro deste ano, era a história de que, quando era criança, todos lhe perguntavam o que queria ser quando crescesse; depois de grande, ninguém nunca mais fez essa pergunta, mas, se tivesse feito, ele responderia: quero ser menino.

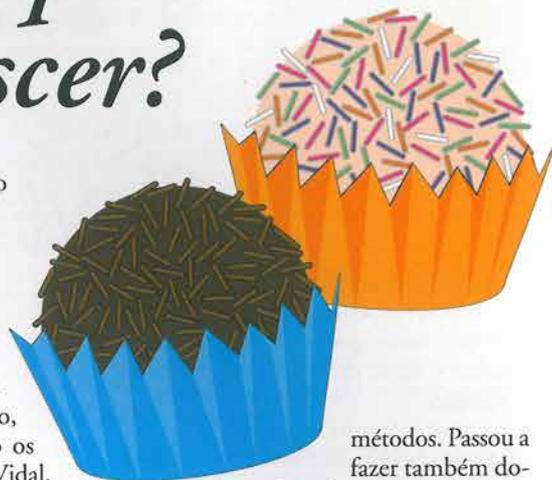
O complicado exercício de “crescer” aparece não só nessa anedota, mas em boa parte da obra de Sabino e de muitos outros escritores. Na vida real, ele se mostra de forma mais evidente em alguns acontecimentos que, de acordo com a época, ganham status de marcas do crescimento: o primeiro namorado, a primeira viagem com os amigos, a chave de casa. Mas poucas coisas resistiram tanto às diferentes gerações como sinais de “crescer” quanto a escolha da profissão. Você percebe que essa história de virar adulto é para valer quando a pergunta “o que você vai ser quando crescer?” exige uma resposta séria, às vezes até por escrito, num formulário de inscrição para os vestibulares da vida. O tamanho do medo que isso dá depende de muitas coisas, dentre elas, a presença da escola e da família, fazendo uma pergunta um pouquinho diferente: como

eu posso ajudá-lo a crescer e ser o que você quiser?

Construindo o caminho

Quem frequenta as festas e eventos do São Vicente certamente já parou numa barrquinha de doces que é o paraíso dos chokolatras. Atrás do balcão, um pouco agitada, atendendo os pedidos, estão Ana Luísa Foster Vidal, ex-aluna do Colégio, e Maria Luísa de Moura Carvalho, a mãe, psicanalista e ajudante na hora do batente.

Ana Luísa hoje é uma estudante de Nutrição da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que reforça a mesada que recebe da mãe fornecendo doces para festas e restaurantes, vendendo bombons na faculdade e produzindo chocolates personalizados na páscoa – este ano, foram mais de 20 quilos. Tudo começou ainda no São Vicente, em 2000. Ela ia completar 15 anos, a mãe ofereceu, de presente, passagem e hospedagem para uma viagem ao exterior. Mas os gastos seriam por conta dela. Para descolar um extra, ela resolveu fazer brigadeiro para vender na Escola. Fez tanto sucesso – vendia, em média, 120 doces por dia – que começou a inventar outros sabores e



métodos. Passou a fazer também doces de café e morango e a cobrar, na promoção, três por R\$ 1. O resultado é que ela desistiu da viagem, juntou as economias com a mesada e outros montantes que ganhou de presente e comprou um carro. “Sou meio pão-dura”, explica.

Como ajudar a crescer?

Nos bastidores dessa história, havia a Família e a Escola assistindo e participando da construção desse crescimento. Tudo indicava que Ana Luísa já sabia o que queria ser quando crescesse. Mas, para espanto de muitos colegas e professores – que são fregueses até hoje –, ela ainda não abriu uma empresa nem se fixou no ramo dos doces. “Sou muito nova para decidir o que quero fazer”, costuma responder. Uma coisa ela sabia: queria um diploma de nível



“Imaginação e canetinhas”

As escolas – assim como os edifícios, as casa, as ruas – continuam inteiras dentro de nós. E a infância, tenha ela sido boa ou ruim, precoce ou tardia, doce ou amarga, enfim, traga ela ou não nostalgia, marca os traços de uma vida inteira. E quem não volta a ser criança um dia?

Quem não chora com soluços, quem não chama pela mãe, quem não quer um boneco para cuidar? Até aquele piercing que você colocou – a última tendência da moda – não passou de um pretexto para ter do que cuidar.

Quando me chamam de criança, eu digo: “sou mesmo, e daí?”. E eu só espero da vida balas e sorrisos.

O mundo é torto mesmo e toda criança sabe disso: polícia, médico ou professor? Todos querem melhorar o mundo, embora nenhuma delas saiba que acabará economista, advogada ou qualquer uma dessas coisas que mantêm o que a criança (quando ainda era criança) tanto repudiava. A gente acostuma – nada é tão torto que não possa ser consertado nem tão sem graça que não possa ser colorido.

Por isso, eu desejo a todos os ex-alunos imaginação e canetinhas na mão.

Pérola, 3º C



superior, esse que ela vai receber em pouco tempo, assim que acabar o curso de Nutrição.

A mãe, Maria Luísa, tem sido um grande apoio logístico e emocional. Ajuda a fazer alguns doces em época de grande demanda, abre pontes com alguns clientes e vive pechinchando o preço do leite condensado nos supermercados por onde passa. Uma sócia? “Ela não gosta dessa classificação, talvez pareça que eu estou invadindo a privacidade dela”, responde.

Quando a história dos brigadeiros começou, Maria Luísa achava que seria mais um *hobby* passageiro, um jeito de a filha expressar sua criatividade, como antes havia acontecido com a manipulação de massinha e tinta guache. Preocupação prática, só com a coluna da adolescente, que saía de casa diariamente carregada de caixas cheias de doces. Ela conta que a filha era boa aluna e nunca deixou de estudar em casa nem de fazer curso de inglês por causa dos chocolates.

No começo, em alguns momentos, a psicanalista questionou a mãe: “Como gosto muito de cozinhar e fazer doces – embora ela nunca tenha se interessado por isso antes dessa época –, eu sentia culpa, ficava me perguntando se ela não estava me projetando, querendo corresponder a um desejo meu”, conta. Mas tudo indica que a crise não tinha muito fundamento. “Eu nunca tive ansiedade de saber o que ela queria ser quando crescesse. E, quando ela começou a se empolgar com os doces, apoiei o trabalho e apoiaria o que ela decidisse. Perguntei, por exemplo, se ela não queria cursar gastronomia”, diz. Operacionalmente, a família inteira se mobilizou. Ninguém, em todas as gerações, consegue entrar num supermercado sem dar uma espiada na prateleira de leite condensado.

Outro ponto que chama atenção na história de Ana Luísa é o investimento em habilidade e talento num mundo que

valoriza, essencialmente, o conhecimento acadêmico e científico, aquele que certifica. Maria Luísa reconhece que, quando viu que a venda dos brigadeiros começava a ficar séria, teve medo de que a filha sofresse preconceito dos colegas. Mas, surpreendentemente, ela descobriu, por outras mães, que os alunos achavam legal o que Ana estava fazendo e comentavam com admiração. “Na minha época, haveria muito preconceito. Nós íamos à luta para virar adulto, mas nunca para ganhar dinheiro.

Era considerado uma vergonha”, conta Maria Luísa. Em outros tempos, outras atitudes: a mãe a ensinou a usar as melhores marcas, a procurar promoções, a ir ao Saara comprar os adornos para os doces e a administrar o dinheiro que ganha. “Sempre dei apoio total e irrestrito aos meus filhos. Acho que temos que estimular o máximo a independência deles e dar meios para que ela possa acontecer”, diz.

Mas tem hora que ela também cai em tentação e acha tudo muito exagerado. “Numa festa junina do São Vicente, me bateu uma angústia de ver todos os jovens dançando e minha filha ali, tão careta, atrás do balcão, preocupada em ganhar dinheiro”, confessa. De tanto a mãe falar, no último evento, Ana Luísa já se permitiu ficar do lado de fora da barraca, conversando com os amigos, mas bem pertinho, de olho no movimento.

Com toda essa confusão de sentimentos, como se ajuda um filho a crescer? “Não protegendo, criando dificuldades, não dando mais do que podemos para compensar nossa ausência, como muitos

“Eu nunca tive ansiedade de saber o que ela queria ser quando crescesse. E, quando ela começou a se empolgar com os doces, apoiei o trabalho e apoiaria o que ela decidisse”

Maria Luísa, mãe de Ana Luísa

pais fazem hoje. O que nos ajuda a crescer é desejar, saber que há coisas que você só vai poder ter ou fazer quando tiver 15, 18 anos. Se temos tudo de mão beijada, desejar o quê? Crescer para quê?”, responde Maria Luísa, com o olhar conivente da filha.

O trabalho pedagógico

Para continuar no exemplo da Ana Luísa, Artur Motta, coordenador acadêmico, lembra que, formalmente, o São Vicente não pôde apoiar a iniciativa de venda dos brigadeiros porque existe um contrato com a cantina segundo o qual não pode haver comércio paralelo de alimentos na Escola. Mas o Colégio fez “vista grossa” na maioria das vezes.

O São Vicente desenvolve uma série de atividades voltadas para apoiar o aluno na decisão da sua vida profissional. Isso certamente ajuda a responder sobre o que se quer ser quando crescer. Mas, pulando para a outra pergunta, como um Colégio pode facilitar esse “crescimento” de suas crianças e jovens?

Maria Luísa elogia a linha liberal do São Vicente que, na sua opinião, deixa os alunos crescerem amparando. Ela só reclama de a filha nunca ter sido convidada a participar de um evento no Colégio. Ana Luísa já montou barraca para vender seus doces em quatro festas juninas da Escola, mas conta que foi ela quem procurou saber das datas e correu atrás para garantir sua participação. Convite mesmo só veio, segundo ela, por parte do Grêmio, para a Semana Cultural.

Maior ou menor, esse é o tipo de apoio operacional. Mas Artur aponta a necessidade de se discutir outro ponto, pedagógico. “Não me lembro, por exemplo, de termos aproveitado pedagogicamente essa habilidade da Ana Luísa”, diz.

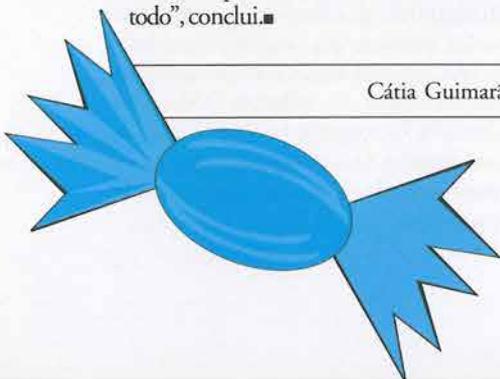


Ele explica que, segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), os fundamentos da educação são: o pleno desenvolvimento da pessoa (aprender a ser), a formação para a cidadania (aprender a conviver) e a preparação para o mundo do trabalho (aprender a fazer). Como todos estes elementos se transformam o tempo todo, estudiosos acrescentam a essa lista o aprender a aprender. “Aqui, no São Vicente, desenvolvemos muito os dois primeiros. Mas não trabalhamos bem o terceiro e este não é um problema apenas nosso, mas da escola brasileira de modo geral”, opina.

Preparar para o mundo do trabalho não é sinônimo de profissionalização. “Tem a ver com um conjunto de coisas necessárias a todas as profissões, como saber falar, desenvolver o empreendedorismo, a capacidade criadora e o trabalho em equipe”, explica, e informa: “Estamos trazendo algumas propostas para essa discussão do nosso novo projeto pedagógico. Queremos mostrar ao professor que isso não se ‘ensina’ numa disciplina específica, ao contrário, deve envolver o trabalho do curso todo”. Exemplos? “Numa escola em que o aluno não pode trocar figurinha, ele não aprende a negociar. Se não pode discutir nota, não aprende a argumentar. Se escolhe o grupo com que vai fazer trabalho, não aprende a lidar com o diferente”.

Heloísa de Carvalho, do Serviço de Orientação Educacional (SOE) do Colégio, diz que o sistema escolar é conservador e equivocado, porque vive refém das universidades, dos vestibulares e outros concursos. “Quem disse que o melhor aluno é aquele nota dez, certinho, inteiramente responsável? Existem muitas outras coisas que contam, mas que nós não conseguimos avaliar, como iniciativa, curiosidade, humildade, disposição de trabalho coletivo”, diz. Solange Borba, coordenadora do segundo segmento do Ensino Fundamental, demonstra a mesma sensação quando diz, por exemplo, que reprovar um aluno é o maior drama do educador. “Qualquer avaliação é tão furada. A vida nos ensina que nada do que avaliamos garante a esses meninos felicidade profissional e na vida como um todo”, conclui. ■

Cátia Guimarães



“O mundo não é feito apenas por advogados, médicos e engenheiros”

Muitos adultos da família ou conhecidos, ao encontrarem um adolescente, ou às vezes até uma criança, fazem a famosa pergunta “O que você quer ser quando crescer”? Até aí, tudo bem... o pior é, ao ouvirem a resposta, completarem com expressões, como : “Ah! Assim você vai morrer de fome!” Ou “Estuda em uma escola tão boa para seguir essa carreira?” ou ainda, “Mas o mercado está saturado!”... e outras frases que trazem tantos preconceitos, não acrescentam em nada e só confundem a criança e o jovem.

Escolher uma profissão não é nada fácil! Optar por um caminho é abrir mão de muitos outros que poderiam ser reais na nossa vida. A impressão que se tem é que nesse momento devemos escolher o que vamos fazer pelo resto de nossas vidas. Por isso, ao aproximar-se do 3º ano do Ensino Médio, essa questão gera ansiedade no jovem e, quase sempre, em toda a família. O que os adolescentes não sabem é que durante a própria faculdade ou mais tarde vão descobrir outros caminhos, especializações, estágios que os levarão muitas vezes a profissões que nem imaginavam abraçar.

Enfim, o que os pais podem fazer para ajudar os filhos a crescerem e alcançarem o que desejam ser quando crescerem? Na minha opinião, a primeira coisa é deixar os preconceitos de lado! Qualquer caminho é válido se for feito com prazer, com desejo de fazer o melhor! O mercado atualmente modifica-se com uma rapidez que não acompanhamos. Surgem novas profissões, carreiras, áreas de trabalho e quem sabe se aquele jovem não será um sucesso no que fizer?

Outra questão é o apoio a tudo que o jovem ou a criança demonstrar desejo de experimentar e que possa ajudá-lo a descobrir suas aptidões: cursos de línguas, informática, teatro, um esporte, música, artesanato, culinária, trabalho voluntário, criação de um jornal, uma banda, etc. Muitas vezes é nessas atividades que ele vai encontrar seus talentos e desejos.

Ao trabalharmos a orientação profissional na sala de aula, começamos com atividades de auto-conhecimento. Encontramos alunos que apresentam dificuldade em dizer o que fazem bem, o para que têm facilidade... Os pais podem ajudar nessa questão. Deixando de lado nossa tendência de achar que tudo que nossos filhos fazem é maravilhoso, poderemos observá-los com um olhar mais imparcial. Quando percebermos o que eles fazem com facilidade ou até com talento, podemos demonstrar esse reconhecimento verbalizando, falando sobre o assunto. Normalmente necessitamos do reconhecimento do outro, como um espelho, para nos conhecermos melhor e termos auto-confiança.

Por último, acredito que seja importante aguçar a curiosidade dos meninos e meninas sobre o mundo do trabalho e das profissões. Uma viagem, um passeio, um artigo de jornal e revista... tudo isso pode nos fazer lembrar que o mundo não é feito apenas por advogados, médicos e engenheiros. Que é muito maior e mais complexo que isso e que há muitos caminhos para se realizar pessoal e economicamente.

Maria Clara Borges

Orientadora educacional do E.M.



Dever de casa como instrumento pedagógico

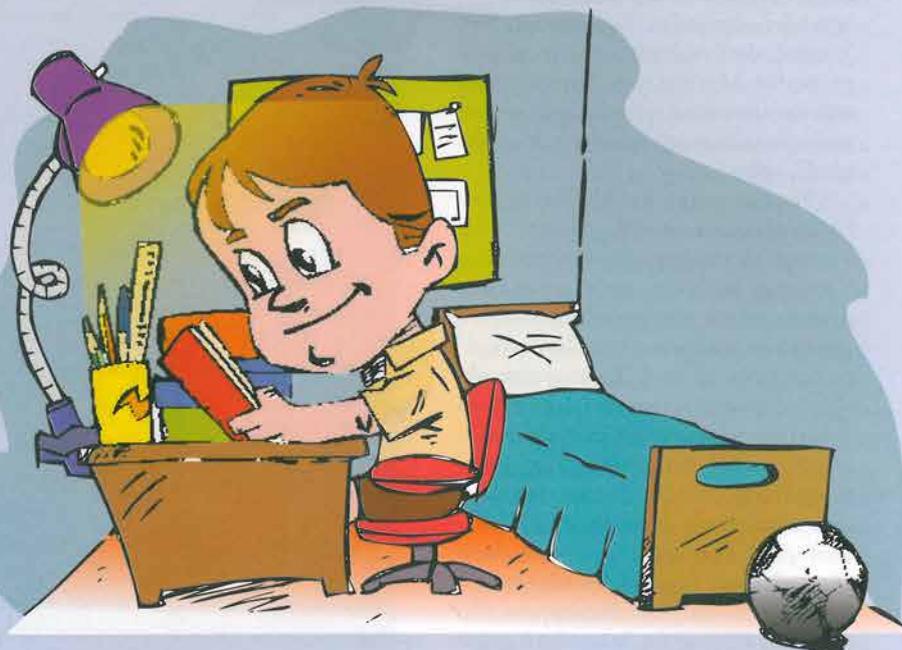
Você certamente já ouviu falar, assistiu a uma palestra ou leu um livro sobre as novas dinâmicas da família e a influência disso na educação dos filhos. O fato de, na maioria das casas, mãe e pai saírem para trabalhar de manhã e só voltarem à noite muda completamente os hábitos e as relações familiares.

Para lidar com essa nova rotina, a escola vem sendo obrigada a rever não só os seus métodos, mas também suas ferramentas pedagógicas. Ainda faz sentido, por exemplo, passar dever de casa para crianças que ficam o dia inteiro sozinhas ou com a babá?

“O aluno não precisa ter ninguém para ajudá-lo a fazer o dever de casa. Ele precisa apenas ter espaço e tempo para isso”, responde Cordélia de Freitas, do Serviço de Orientação Educacional (SOE). Solange Borba, coordenadora do segundo segmento do ensino fundamental, explica que o que faz falta não é a presença física dos pais para ajudar com o exercício, mas a presença educativa, que determina regras e rotinas de estudo. Ela conta que, há 45 anos, quando abriu as portas, o São Vicente funcionava em regime semi-intensivo. As crianças almoçavam e voltavam para a sala para fazer as tarefas “de casa”. Isso numa época em que, talvez na maioria das famílias, a mãe ficava a maior parte do tempo em casa. “Os pais precisam entender que a necessidade maior não é de estar presente fisicamente, mas sim de criar um momento diário de encontro com o filho para saber o que houve na escola e perguntar se ele precisa de ajuda”, explica. Isso sim é, segundo ela, uma carência nos dias atuais: “Há pais que nem sabem que o filho não tem livro. A construção de uma rotina passa por várias coisas, dentre elas, a organização do material”.

Ferramenta para quê?

O dever de casa tem duas funções pedagógicas principais. Em primeiro lugar, é uma forma orientada de o aluno estudar, verificando se conseguiu



mesmo acompanhar o raciocínio do professor em sala de aula, e identificar as dúvidas. Em segundo, funciona sempre como um “ensaio facilitado” para a prova, que nada mais é do que um exercício feito com mais tensão e tempo limitado. “Exercitar em casa é ter um momento solitário para ver se você aprendeu ou não. Fazer o dever de casa é estudar todo dia”, explica Heloísa de Campos, também do SOE.

Heloísa aponta ainda um outro problema. Como não estão em casa a maior parte do tempo e sentem-se culpados, os pais jogam para a escola a responsabilidade pelo controle dessas tarefas. “Muitos deles me dizem que não têm como saber se foi passado dever de casa ou não. Se eles não podem controlar isso, nós muito menos. Principalmente porque isso vai na contramão da busca de autonomia pela qual o São Vicente tanto luta”, diz. Mas, atenção: o meio termo entre essa não-infantilização e a negligência é muito tênue. “Às vezes os pais acham que não devem se intrometer nos processos dos filhos mais velhos. Aí mora o perigo, porque o contato vai

rareando até cessar totalmente o diálogo”, alerta Cordélia.

Cobrar ou não o dever de casa pronto em sala de aula é, no São Vicente, uma decisão do professor. Normalmente, nas séries mais baixas, que lidam com crianças mais novas, o rigor é maior. Nas outras, uma estratégia que quase sempre resulta em cadernos respondidos é passar dever valendo nota.

Se o não cumprimento das tarefas é algo que está claramente atrapalhando o desenvolvimento do aluno, decide-se, caso a caso, se deve ser tomada alguma providência. Nas 5ª e 6ª séries, por exemplo, o Colégio usa uma etiqueta para avisar aos pais que o filho não tem feito nenhuma tarefa de casa. Um dos maiores problemas talvez seja que, se o dever de casa é um meio de voltar à sala com dúvida ou domínio da matéria, o aluno que nunca faz os exercícios tem dificuldade de participar da aula e acaba incorrendo em problemas disciplinares. Mas, para Cordélia, há coisa ainda pior: “Ele deixa para estudar na véspera da prova e não aprende nada, fica com aquele saber ‘engavetado’”.

Côcos: *caminhando com os próprios passos*

O Projeto Social na Educação no Município de Côcos (BA), que já foi notícia da **chama** diversas vezes, volta nesta edição para se despedir. O trabalho, iniciado em janeiro de 2000, foi oficialmente encerrado no dia 23 de julho de 2004, numa bela cerimônia que reuniu cerca de 130 Professores de Côcos, a Secretária Municipal de Educação, Marlene dos Santos Barbosa Luz, representantes do Prefeito e da Igreja. Alvo de muitas homenagens, estendidas a todos aqueles que, direta ou indiretamente, participaram do projeto, estavam presentes Pe. Maurício Paulinelli, ex-Diretor Administrativo do Colégio São Vicente de Paulo, e os Professores Maria Rosa Momesso e Lauro Basile.

Entendendo o contexto

O CSVP realiza vários projetos sociais de integração Escola-Comunidade, levando em conta, como diz o Projeto Pedagógico de 2001, “a atenção à realidade da sociedade humana, sobretudo às causas de desigualdade na distribuição dos bens no mundo; a preferência clara e expressa pelo trabalho com os pobres e em favor deles; o sentido comunitário do trabalho; e, o valor da educação cristã para a formação social”. O município de Côcos, onde a Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM) já havia mantido, entre os anos de 85 e 95, uma equipe de missionários, tem área aproximada de 11.200 km², cerca de 18 mil habitantes e está situado no polígono da seca, entre os estados de Minas Gerais, Bahia e Goiás.

Na década de 70, quase 2/3 da área do município foram ocupados por empresas que, atraídas por incentivos fiscais do governo federal, derrubaram a vegetação nativa para plantar eucaliptos e *pinus*. No início dos anos 90, o quadro era de desolação. Com os trabalhos praticamente paralisados, o reflorestamento ficou reduzido a cerca de 1% da área ocupada. O resultado? Grande êxodo rural, com expulsão dos antigos posseiros para a periferia da cidade e de

comunidades nativas para as áreas fronteiriças do município. A população sobrevive basicamente da agricultura de subsistência-familiar. As novas gerações migram para os grandes centros urbanos à procura de melhores condições de vida. Não há indústrias, estradas e transportes condizentes. O comércio é fraco e há carências nas áreas de saúde, saneamento básico e educação.

O Projeto Côcos, cujo objetivo foi a integração com os trabalhos missionários da PBCM, foi baseado em três linhas de ação básicas: ajuda mútua na formação continuada e na capacitação dos Professores da rede municipal, que norteou o trabalho e se manteve até o final; atuação junto à Pastoral Social da Paróquia; e envolvimento da Comunidade Educativa do Colégio São Vicente de Paulo através de campanhas

de donativos segundo as necessidades apontadas a cada ida do grupo à área do Projeto.

Como foi feito o trabalho

A primeira ida de uma equipe do Colégio a Cocos ocorreu em janeiro de 2000, quando sete membros do grupo realizaram um diagnóstico sobre a realidade da região e identificaram, por meio da troca de experiências com Professores e Alunos de duas escolas rurais e da discussão com a Diretora de uma delas sobre as propostas e desafios da Lei de Diretrizes e Bases, necessidades que possibilitassem uma integração de serviços entre a Escola e aquela Comunidade.

De lá para cá, sempre no período de férias e nos recessos escolares de janeiro e julho, foram realizadas mais nove visitas,

CRIANÇAS SE DIVERTEM APÓS EXIBIÇÃO DO DESENHO “A ERA DO GELO”



DE CIMA PARA BAIXO:
CERIMÔNIA LOTA IGRAJE NA DESPEDIDA DO PROJETO,
A DESPEDIDA NO ÔNIBUS E OS REPRESENTANTES DO
CSVP E DA PREFEITURA



planejadas a partir das observações feitas na viagem anterior. A equipe, composta, em média, por oito voluntários, entre Professores, Funcionários, Padres e Alunos, permanecia em Côcos de cinco a 15 dias, realizando atividades variadas. No intervalo entre as visitas, tanto em Côcos quanto no Colégio, eram desenvolvidas atividades complementares ao Projeto.

A partir das observações realizadas, foram traçadas as metas prioritárias do Projeto: contribuir para a melhoria da qualidade do ensino das 80 unidades escolares da rede pública do Município; auxiliar na elaboração do Projeto Político Pedagógico de cada uma dessas escolas, beneficiando os Alunos com uma educação que possibilitasse uma leitura crítica da realidade; oferecer formação continuada aos 270 Educadores (naquela época) das escolas atendidas, através de encontros, oficinas, seminários e troca de experiências; viabilizar a produção de suportes pedagógicos destinados à Educação; contribuir para a criação de três bibliotecas regionais; possibilitar o intercâmbio entre Professores/Multiplicadores das comunidades-pólos atendidas e os profissionais do São Vicente.

Um pequeno exemplo do que foi feito

Dentre as inúmeras atividades realizadas com Professores das Classes

Multisseriadas, dos Ensinos Fundamental I e II e Ensino Médio e com os gestores das escolas e da Educação Municipal, é possível destacar: o atendimento a 249 Professores das comunidades de Água do Carmo e São João do Porto Alegre, do centro da Cidade de Côcos e a Educadores leigos da Zona Rural, com 16 horas/aula para cada grupo sobre os temas; Projeto Político Pedagógico; Interdisciplinaridade, Teoria e Construção do Conhecimento e Dinâmicas de Grupo; o atendimento a mais de 350 Professores e funcionários que se preparavam para o concurso municipal, com 32 horas/aula por grupo; a participação de quatro Professores do CSVP na "Romaria da Terra", em Bom Jesus da Lapa, e nas "Festas do Divino", em Carinhanha, com o objetivo de observar as manifestações religiosas e culturais do povo, suas formas de organização social, a atuação de organismos de representação de classes e de categorias, suas lutas, esperanças, desafios, dores, sofrimentos e alegrias, centradas nesses momentos de grande concentração popular; o curso para Diretores e Vice-Diretores das escolas da rede pública municipal e estadual com 23 participantes, com abordagem dos temas Gestão de Pessoas, Projeto Político Pedagógico e Administração Técnico-pedagógica; a realização de mesa-redonda composta por Professores do

Alguns momentos inesquecíveis

- Os Encontros de Espiritualidade coordenados pelo Pe. Maurício e que aconteceram antes de muitas idas a Côcos, caracterizando-se, principalmente, como encontros de comunhão e partilha.
- O Cinema Popular com a projeção do filme Cinema Paradiso na rua, na parede do Clube Coqueirão.
- Projeção de Harry Potter, a Pequena Sereia, Procurando Nemo e A Era do Gelo, propositalmente distanciados da realidade das crianças com o objetivo de atingir de um modo bem distinto o imaginário das mesmas.
- As Celebrações e Festas do Padroeiro da Cidade: São Sebastião, com as procissões, novenas, levantamento do mastro, leilões etc.
- O "Casamento Caipira" realizado em nossa homenagem por um grupo de Professores locais e pessoas da comunidade.
- O relato de como uma Senhora, sozinha, matou uma onça. Foi um exemplo típico da personagem do sertão brasileiro.
- Os passeios no Rio Itaguari, onde aos banhos refrescantes juntavam-se análises do trabalho realizado, decisões a serem tomadas, conversas jogadas fora e a deliciosa "Paçoca", prato típico à base de farinha e carne de sol desfiada, preparada pela Secretária de Educação.
- As exposições montadas no Colégio São Vicente de Paulo com o intuito de mostrar não somente o trabalho realizado, mas a ambiência local e o modo de vida dos moradores de Côcos.

Rio de Janeiro e de Cocos sobre a relação Escola/Família, com trocas de experiências entre duas realidades tão distintas e projeção complementar do filme “Nenhum a Menos”; e a realização de palestra sobre a Interdisciplinaridade, na qual os Professores fizeram um vínculo entre suas respectivas disciplinas e a temática da água. No mesmo encontro, foi apresentado o filme “Koyaanisqatsi – Uma vida fora de equilíbrio”.

Durante o projeto, em várias oportunidades, foram realizadas campanhas de solidariedade no CSVP. Essas campanhas recolheram materiais para artesanato, livros e até mesmo alimentos não-perecíveis, roupas e calçados que foram destinados ao município de Carinhanha (Ba), que passava por uma situação emergencial devido à seca.

Na avaliação final, feita junto com os Diretores e Vice-Diretores, o merecido prêmio a tanto esforço e dedicação. Segundo eles, os Professores de Cocos puderam aperfeiçoar suas técnicas e, mais do que isso, conseguiram resgatar a auto-estima e o ânimo para a superação de obstáculos. Também aumentou a conscientização sobre a importância da construção do Projeto Pedagógico e do Planejamento e diminuiu a distância entre os professores da cidade e da zona rural do município. Por fim, contribuiu

para que a Escola percebesse um novo modo de relação entre ensino e aprendizagem e a construção do conhecimento a partir dos próprios recursos.

E se houve um notável melhora da Educação em Cocos, o resultado entre os Professores do CSVP não foi diferente. Para a equipe envolvida, o Projeto permitiu o crescimento, pessoal e profissional, de todos, especialmente pela riqueza de dados de outras realidades, entendidos como chave de leituras e como material de troca, de reflexão, de acréscimo aos conteúdos programáticos, de descoberta de valores implícitos nas culturas diversas, de análise da realidade brasileira e de formação para a cidadania. De maneira ampliada, o trabalho estimulou o envolvimento de toda a Comunidade Educativa do São Vicente, tanto nas campanhas realizadas quanto no respaldo técnico-operacional e na sustentação financeira.

Para o grupo, se a proposta inicial foi associada ao plantio de valores, o trabalho não acabou de fato. A terra foi preparada, a semente foi plantada e as flores e frutos virão no seu devido tempo, gerando novas semente, novas flores e novos frutos e perpetuando, dessa forma, o ciclo da vida. ■

Ana Beatriz de Noronha
Colaborou: Lauro Basile



PE. MAURÍCIO, DE COSTAS, APRESENTA OS RESULTADOS DO PROJETO

Côcos é longe “pra caramba”
Táxi, ônibus, ônibus, barcaça, ônibus,
“Toyota”...
Mais ou menos 28 horas

Tem “rabudo” na cumeeira olhando pra gente à noite...
O que fazer?

Tanta gente necessitada...
Principalmente de informação.

Tanta injustiça...
Ouve-se: “Ou vota em mim ou...”

Tem calor infernal...
Que dá vontade de correr. (Na sombra!)

Tem moscaria que sobrevoa a comida...
Conselho: “fecha os olhos e manda brasa!”

Tanta poeira... “areião”, derrapagem, sacolejo...
A gente fica da cor do barro, ressecado, sujo.

Tanto tempero diferente...
Às vezes dá dor de barriga.

E então...
Só resta uma pergunta:
Por que este sorriso nos lábios dessa gente aí? (referindo-se aos Professores do São Vicente)

Porque vale a pena. Do fundo do coração.

São muito os motivos.
O céu estrelado onde parece se poder tocar cada estrela,
O carinho do povo, a crença nas nossas idas,
O churrasco da Else, o sabor do pequi, a Fé, os risos,
Os choros de emoção, a pureza deles, a “grandiosa galinhona”,
A atenção da Dita, a suave Irmã, o “Velho Chico”,
A esperança na chuva, o São Sebastião, a colheita,
A felicidade da simplicidade
Ou será a simplicidade da felicidade?

Coisas que fazem a gente ser mais gente.
É por isso que a gente sorri e ri.

E dá sempre vontade de ir de novo...
Pra se sentir feliz.

Texto de Lauro Basile, escrito entre a segunda e a terceira ida a Cocos.

Como vem acontecendo nos últimos anos, o Dia de São Vicente, comemorado em 27 de setembro, foi festejado no Colégio em três dias seguidos, com atividades que englobam as diferentes facetas do CSVP. É o já famoso tríduo vicentino. No sábado, 25 de setembro, trabalho pedagógico; no domingo, solidariedade; e na segunda, celebração e festa.

Projeto pedagógico

O tríduo vicentino deste ano começou com um convite aos pais para que colaborassem na revisão do projeto político pedagógico (PPP) do Colégio. E a preparação para esse momento começou lá atrás, durante a matrícula para 2004.

O encontro representou um esforço do Colégio para fazer da atualização do seu projeto pedagógico um trabalho tão coletivo e participativo quanto foi a elaboração do que está em vigor atualmente.

O primeiro passo foi elaborar um questionário socioeconômico, que foi preenchido pelos pais no ato da matrícula, para obter informações mais atualizadas sobre o perfil genérico dos alunos e suas famílias. Esses dados estão sendo tabulados. Num segundo momento, em junho, o Colégio fez o que Nina Cunha, coordenadora acadêmica, chama de "levantamento da realidade": distribuiu um questionário para que os pais analisassem o processo pedagógico e o ambiente da Escola. Nesse formulário, o Colégio listou aspectos negativos e positivos observados na sociedade atual e a forma como eles se

Trabalho, solidariedade e

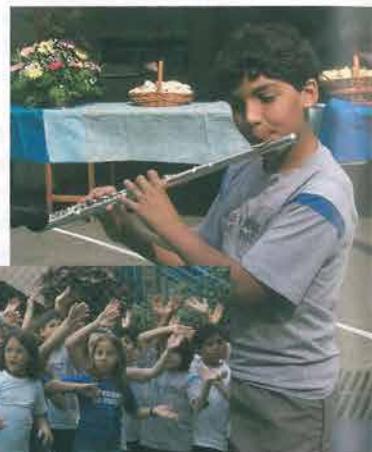


COLÉGIO SE REÚNE PARA DISCUTIR O PROJETO PEDAGÓGICO

manifestam no São Vicente e os pais foram convidados a comentar e completar com outros itens.

Já em setembro, professores e coordenadores se reuniram numa noite de segunda-feira para analisar os questionários respondidos à luz dos pressupostos filosóficos do Colégio, que são permanentes. No primeiro encontro do tríduo vicentino, o grupo do Colégio se reuniu novamente com os pais que se dispuseram a participar. "Utilizamos a metodologia de análise das forças de crescimento e de resistência que nos impulsionam para aprofundar nossa reflexão sobre a realidade da Escola, relacionando-a com a realidade social e buscando entender as causas das situações que vivenciamos e os desafios que temos a enfrentar", explica Nina.

Entre professores, alunos e funcionários, as cerca de 200 pessoas presentes se dividiram em 17 grupos



MÚSICA EM HOMENAGEM AO PATRONO

"Duas crianças da 2ª Série, Laura e Luana, desenharam um São Vicente indo de guarda-chuva ajudar um pobre e levar-lhe uma sopa quente. Estender um guarda-chuva sobre alguém que está se molhando é o mínimo dos mínimos, mas essas duas crianças nos mostraram que é possível fazer uma infinidade de pequenas coisas, que não custam absolutamente nada a ninguém e que por isso nunca somos dispensados de fazer, ao menos se temos o coração bom como essas duas crianças e se queremos de fato começar, à nossa volta, fazendo o que nos é possível."

Pe. Lauro Palú, C. M.

celebração para o Dia de São Vicente

que discutiram os temas: “Identidade, escola e sociedade: valores sociais e individuais”; “Processo pedagógico: conteúdo, metodologias, avaliação e relação professor/aluno”; “Ambiente e clima do Colégio: espaços de participação, relações de trabalho, relações pessoais, formação do professor, estrutura e organização da escola”; “Relação Família/Escola”; e “Hábitos e atitudes: comportamento dos alunos e dos adultos, respeito ao outro e ao ambiente”. Na Semana Pedagógica de 2005, serão discutidos os relatórios dos grupos.

Domingão Vicentino

Depois de discutir como educar seus alunos e filhos, a comunidade vicentina se encontrou num domingo de festa para receber e dar alegria aos outros. Foi o domingão vicentino, uma manhã em que o São Vicente abriu as portas para 170 crianças das creches atendidas pelo Colégio. Como de hábito, foi um dia cheio de atividades, que culminou com o almoço servido à criançada. Tudo regado a muita

“O Evangelho de hoje é o programa de governo de Jesus Cristo, a proposta do seu Reino. Muita gente lê essas Bem-Aventuranças como se fossem um convite à resignação, à paciência, à passividade, quase um convite à covardia e à omissão, porque Deus vai corrigir tudo que há de errado neste mundo, no Reino dos Céus... Bem-aventurados os Pobres, porque deles é o reino dos céus... enquanto isso, neste mundo vão passando fome, sofrendo humilhações, discriminações, opressão, pressões de todo tipo, privações as mais duras, desumanas e desumanizantes, as mais humilhantes. Entretanto, as Bem-Aventuranças não são o anúncio de uma vida mesquinha, acovardada, diminuída. São, antes, um evangelho de libertação, uma proclamação da dignidade dos pequenos, dos sofredores, dos humilhados, porque eles têm Deus do lado deles. São antes um estímulo, um convite a ir adiante, uma incitação, porque Deus nos espera no futuro, aonde chegaremos não de braços cruzados, mas agindo para mudar o mundo”.

Pe. Lauro Palú, C. M.

solidariedade, disposição e aprendizado dos alunos do CSVP de se preocupar e cuidar do outro, exatamente como o aniversariante do tríduo ensinou.

Missa e festa

Para encerrar as comemorações pelo Dia de São Vicente, o Colégio realizou a já tradicional missa seguida por um coquetel. Na celebração, Pe. Lauro Palú, diretor do Colégio, chamou a atenção para outros aniversariantes. Primeiro, homenageou os alunos que completam 18 anos em 2004.

Só quatro deles estavam presentes, mas ficou o pedido para que a mensagem fosse espalhada a todos. “Desejamos comemorar com vocês esta data que abre as responsabilidades e os grandes deveres na vida, embora nem sempre a Sociedade, a Escola e a própria Igreja lhes assegurem os meios necessários para atingir também a maturidade e não só a maioridade”, disse Pe. Lauro, durante a homilia. A outra aniversariante lembrada foi “a chama”, que completava 31 anos de existência voltada para a palavra de São Vicente de Paulo.■

DOMINGÃO VICENTINO: COLÉGIO ABRE AS PORTAS PARA A COMUNIDADE...



...COM LANCHE,
MÚSICA,
BRINCADEIRAS,
INFORMAÇÕES E
MUITA ALEGRIA

Limites: Quem tem?

São carros sofrendo acidentes porque ultrapassam a velocidade máxima nas estradas. Pessoas ficando obesas porque comem mais do que precisam e podem. Jovens se expõem a perigos, vivendo sem obedecer a regras nem se preocupar com o outro. Como é difícil viver num mundo em que ninguém mais tem limites!

Assim começou a história desta matéria. Com uma preocupação legítima, apontada pela diretoria da Associação de Pais e Mestres do Colégio, e uma palavra genérica: limite. Quem primeiro ajudou a pôr um mínimo de ordem no mundo de possibilidades que se abria para este texto foi Patrícia Rubim, psicóloga e coordenadora do Serviço de Orientação Educacional (SOE) do São Vicente. Para ajudar a delinear um caminho, ela explicou que o significado e a abrangência da idéia de limites depende do lugar de onde se fala e apontou pelo menos quatro grandes campos que trabalham com esse conceito: a religião, o direito, a educação e a psicanálise (ver box).

Artur Motta, coordenador acadêmico do Colégio foi buscar no pedagogo Yves de la Taille uma outra categoria, complementar a essas. La Taille defende que pensar em limite como algo apenas restritivo é simplificar não só a idéia como também as relações que ela implica. Para o educador, limite muitas vezes significa aquilo que pode e deve ser ultrapassado. No livro "Limites: Três Dimensões Educacionais", ele vai além: "se há hoje uma 'crise', ela tanto pode ser interpretada como 'falta de limites' quanto como 'excesso deles'".

Na fronteira entre todas essas idéias, voltamos ao problema inicial: quem tem e quem precisa de limites na sociedade atual?

Para o indivíduo e para a sociedade

Quanto um pai acha que não está impondo os devidos limites ao filho, ele está, na maioria das vezes, falando daquilo que a educação entende como

limite, que tem a ver com disciplina e regras necessárias para o convívio social. Isso pode dizer respeito às situações mais variadas: do horário de chegar em casa ao consumo de drogas. A essa concepção educacional, Patrícia acrescenta a idéia que a psicanálise tem de limite, como algo que, antes de servir para a vida em sociedade, é estruturante do ser humano. "O que nos permite entrar na cultura é nos reconhecermos como faltosos, superarmos a castração, sabermos que não podemos tudo. Portanto, na psicologia e na psicanálise, os limites não servem só para educar", explica. Sonia Bahia, psicóloga e mãe da Camila, do 3º ano, concorda e acrescenta: "Embora seja elemento estruturador do indivíduo, o limite é, na maioria das vezes, dado pelo outro".

Para responder às angústias dos pais de hoje, Patrícia analisa o contexto que gera aquela sensação descrita lá no primeiro parágrafo desta matéria. "Nos anos 60, com a Escola Nova, as pessoas começaram a achar que não deveriam limitar para não causar trauma. A questão é: por que não pode traumatizar? Se redefinido, o trauma pode ser entendido como algo positivo, que ajuda a preservar os indivíduos, impedindo que eles repitam os mesmos erros", opina.

E, afinal de contas, quem disse que os jovens não gostam de limites? "Minha mãe me obriga a estudar uma hora por dia, antes de ver TV ou fazer qualquer outra coisa de lazer em casa. Não gosto na hora, mas sei que esse é um tipo de limite que me faz bem", conta Amanda Tavares, da turma 81. Lucas Frucht, da 84, também não vê as regras como problema: "Incorporei para a minha vida a maioria dos limites

impostos na minha casa e já nem considero como barreira", diz. Há quem ache até que deveria ter tido um pouquinho mais de limite, como Fernando Ferreira, do 3º A, que ficou de recuperação várias vezes — embora nunca tenha sido reprovado — e atribui isso, principalmente, ao fato de não estudar nem fazer os deveres de casa (ver pág. 10). "Hoje, acho que eu gostaria que a minha mãe tivesse me cobrado mais essa disciplina. Talvez eu tivesse criado o hábito de estudar", avalia. E, acredite, tem gente que sente um pouquinho de carência pela falta de limites: "Minha mãe é muito liberal comigo porque eu sou muito responsável, conheço e cumpro meus deveres. Já minha irmã mais nova é rebelde e minha mãe acaba dando mais atenção a ela do que a mim", conta Natalie Nick, da turma 81.

Patrícia aconselha que os pais definam, com clareza, o que são princípios para eles. "Os limites que eu imponho aos meus filhos têm que ser geridos pelos meus princípios, não pelo acaso ou pelo momento em que estou

com mais ou menos paciência.

Se é algo importante para mim, não posso deixar num dia e não deixar no outro", explica.

O que não estiver nessa lista, entra



"O Colégio consegue dar limites sem reprimir"

Gabriel Gouvêa, t.82

Quem precisa?

no pacote de regras ou normas, que, ao contrário dos princípios, são negociáveis. Ela exemplifica: “Podemos ter como regra que não é permitido sair à noite durante os dias úteis da semana. Mas se surge uma festa muito importante, essa norma pode ser quebrada mediante o acordo de, por exemplo, não faltar aula no dia seguinte”. Outra dica é não ter a ilusão de que é possível não frustrar ou castrar e assumir, sem culpa, o fato de ser o “único” pai ou mãe que não deixa o filho fazer alguma coisa. Mas nem sempre é fácil. “Eu falei uma vez em entrevista ao Fantástico que eu negocio, mas nem sempre ganho”, diz Sonia Bahia. “Às vezes os seus limites enquanto mãe são muito diferentes dos limites do grupo ao qual você e o adolescente pertencem. E isso dificulta muito”, completa.

Crianças que não têm medo nem vergonha somadas a pais que sentem muita culpa são, de acordo com Patrícia, a equação perfeita para a falta de limites do mundo atual. “E nós, como escola, temos que dar conta de tudo isso: dos



meninos, dos pais e dos professores, que são da mesma geração dos pais e não foram formados para lidar com esse tipo de aluno”. Como? A primeira coisa é, segundo ela, não abrir mão do projeto político pedagógico (PPP), que apresenta os princípios fundamentais defendidos pela escola — o problema, segundo ela, é que nem todos os pais procuram conhecer esse projeto quando buscam um colégio para o filho. Outro caminho que

ela aponta é dialogar e, sempre que preciso, arriscar coisas novas, dando o voto de confiança.

Mas como diferenciar voto de confiança, tolerância e falta de limites na escola? Amanda, por exemplo, acha que o fato de um professor não tomar qualquer atitude contra um grupo que esteja tagarelando muito em sala de aula

Duas bobagens

Há dois tipos de bobagens solenes que a gente diz e repete. Uns dizem: “Sou assim e vocês têm que me aceitar como eu sou”. Com a graça de Deus, com seu esforço e nossa ajuda, é claro que você pode melhorar e mudar. Aceito você como você é, como ponto de partida, não como ponto de chegada. Você é assim agora, até agora, mas pode ser diferente, pode mudar, melhorar, até para não ser pesado para os outros. Também posso mudar, com a graça de Deus, com meu esforço e com a ajuda de vocês, para melhorar e não ser pesado para ninguém.

Outros dizem: “Sua liberdade termina quando começa a minha”. “Seu direito termina, quando começa o meu”. Não é verdade! Todos nós temos a liberdade gloriosa de filhos de Deus e devemos continuar sendo livres, mesma que haja outras pessoas ao nosso lado, além de nós. Não é necessário que o fato de alguém ser livre implique em tirar a liberdade dos outros. Nosso ideal é que as duas liberdades, a sua e a minha, possam coexistir, possam conviver, possam crescer juntas.

Por isso, tenho um grande sonho: viver com as pessoas, conviver de modo que os outros não sejam para mim um limite, mas um estímulo, sejam um incentivo para o meu crescimento, e que eu possa ser também um incentivo para os outros se tornarem melhores.

Pe. Lauro Palú, C. M

“Não gosto na hora, mas sei que esse é um tipo de limite que me faz bem”

Amanda Tavares, t. 81



a velocidade máxima permitida porque sabe que aquilo foi estudado por um profissional e tem um fundamento. O não maduro só não ultrapassa o limite se achar que existe um radar para multá-lo ou sancioná-lo de alguma forma”, exemplifica Patrícia.

Limite como potencialidade

O diretor do CSVP, Pe. Lauro Palú, chama atenção para a necessidade de se superar a idéia de que o outro é um limite (ver box). Patrícia identifica, nessa preocupação, uma concepção religiosa de limite, que busca pensar o ser humano não como algo que cerceia e é cerceado, mas como potencialidade, sempre capaz de se superar.

E aqui entra também o pedagogo Yves de la Taille. Todo mundo concorda que desprezar as leis, não pensar nos outros e descuidar da saúde são exemplos de falta de limites que se quer evitar. Mas que atire a primeira pedra quem nunca tentou superar seus próprios limites, quem nunca quis “ir além”.

Grandes artistas, cientistas e esportistas são, para La Taille, pessoas que ousaram ultrapassar fronteiras. Atingir a maturidade, segundo ele, também requer infringir alguns limites. “Ora, na vida, e na moralidade, as duas possibilidades existem: o dever transpor e o dever não transpor”, diz em seu livro. Portanto, você também não precisa arrancar os cabelos a cada desobediência do seu filho. Mas atenção: falamos aqui da superação dos próprios limites, não da competição com os outros. “Eu acho que a vida é transpor limites o tempo inteiro: sair do útero, atravessar a rua pela primeira vez, ter o primeiro emprego”, filosofa Lucas, aluno que veio do Pedro II para o São Vicente este ano, estranhou a falta de rigidez com que estava acostumado, mas rapidamente aproveitou os espaços para romper seus próprios limites e participar de diversas atividades extraclasses, como coral, curso de vídeo e excursões.

O pedagogo Ernesto Bologna, que também já fez palestra no São Vicente, usa uma metáfora para aconselhar os pais e os educadores a lidarem com a natural (e, às vezes, saudável) “infração” dos jovens. “Você mora numa ilha com um despenhadeiro que leva a um mar cheio

de tubarões. É preciso construir um muro, mesmo sabendo que seu filho vai pulá-lo, porque transgredir faz parte da realidade dele. Não construa esse muro nos limites do abismo; traga-o para o centro da ilha, porque, quando ele pular, ainda vai cair num lugar seguro”.

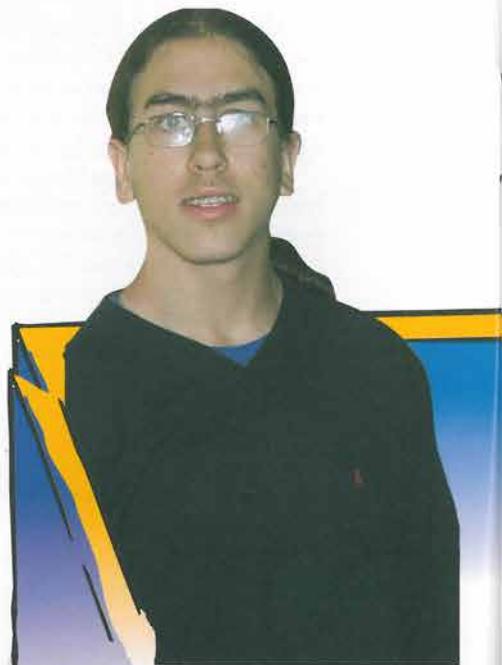
A idéia de transpor limites também já contaminou ciências como a sociologia e a antropologia e é determinante, inclusive, dos novos conceitos de cidadão. Quem afirma isso é Artur Motta: “A pura obediência cega às leis não dá mais conta da nossa cidadania plena”. Para clarear essa idéia — que nada tem a ver com apologia à desobediência —, ele cita várias passagens da bíblia em que Jesus, confrontado com a lei, responde que veio para aperfeiçoá-la. “Nosso compromisso cidadão hoje é, cada vez mais, cuidar do outro e do planeta. Se a lei não é legítima, é preciso superá-la, o que é totalmente diferente de desobedecer-lhe”, opina.

Vida e saúde

Por fim, um tema que vem cada vez mais se aproximando da idéia de limites é o cuidado com a saúde, com o próprio corpo e, conseqüentemente, com a vida. Artur lembra que alguns povos vivem em situação de pobreza ou epidemia — como a Aids em alguns países da África — que representam limites — agora sim, aqueles da pior espécie —

“a vida é transpor limites o tempo inteiro”

Lucas Frucht, t.84



é um exemplo de falta de limites que prejudica os outros. E tanto ela quanto as duas amigas, Natalie e Luna, acham que o fato de os alunos atrasados entrarem em sala a qualquer momento é um outro exemplo de excesso de liberdade que atrapalha o coletivo. “Tem gente que chega todo dia atrasado, no final da aula, entra e desconcentra todo mundo”, explicam. Gabriel Gouvêa, da turma 82, veterano do CSVP desde a 1ª série do ensino fundamental, acha que, no geral, o Colégio está no ponto certo: “Quando entrei aqui, todo mundo dizia que o São Vicente era superliberal. Mas não é bem assim. O Colégio consegue o equilíbrio exato de dar limites sem reprimir”, opina.

Desse conjunto de noções, na escola e na família, depende, muitas vezes, a obediência a um terceiro tipo de limite, aquele imposto pela lei, criado para regular a vida em sociedade e proteger os indivíduos. Aquele que nos proíbe, por exemplo, de dirigir com menos de 18 anos, alcoolizado ou sem cinto de segurança. E, mais uma vez, todos eles se misturam. “Um sujeito maduro respeita

historicamente insuperáveis. Em relação ao indivíduo, filósofa, o grande limite, humanamente insuperável, é a morte. “Esse é um limite que as pessoas entendem como tão pesado e intransponível que gerou as grandes coisas da humanidade: foi para superar a morte que nasceram as religiões, a arte e todos os tipos de sublimação”, explica.

Deixando as discussões existenciais de lado, o campo da saúde é um prato feito para se pensar em limites. “Eu entendo a saúde como um processo permanente de reequilíbrio do organismo em busca do maior bem-estar possível. Nosso corpo faz sua parte, endogenamente, já que a auto-preservação é sua primeira e principal função (a 2ª é a manutenção da espécie). No entanto, esse equilíbrio é constantemente ameaçado pelos fatores externos, quer sejam agressões físicas, químicas, biológicas ou de ordem emocional e cultural”, explica Sergio Castiglione, médico pediatra e presidente da APM do São Vicente. E completa: “Sendo o Colégio um ambiente em que a criança vive grande parte de seu tempo de vida, é preciso que os profissionais envolvidos com o processo educacional estejam sempre atentos a esses pontos e que a instituição esteja adequadamente preparada para agir, minimizando os efeitos desses fatores externos geradores de desequilíbrio”.

Estudiosos da sociedade atual — chamada por alguns de pós-modernidade — identificam uma das características do nosso tempo na tendência, individual e coletiva, a antecipar o futuro para prevenir os riscos. Em outras palavras, não ultrapassar os limites hoje para não sofrer as consequências amanhã. Prudência sábia ou ansiedade destrutiva? Essa fica para você tirar suas próprias conclusões.

Polêmicas à parte, o fato é que a idéia de limite está presente todo o tempo na sua vida: no sanduíche do *fast food* que você comeu mais dias do que deveria esta semana; na torta de chocolate que você não resistiu e vai lhe render uns quilinhos

a mais; na ginástica que você fez de mais ou de menos; na noitada que diminuiu o estresse, mas fez você perder uma madrugada de sono. Onde encontrar o limite? Da saúde, do corpo, da vida... Se você tiver a resposta, registre a patente e escreva um livro: vai ter gente assim querendo comprar.■

Cátia Guimarães

“Minha mãe é muito liberal comigo”

Natalie Nick, 11.81

Capa



Como cada campo entende a noção de limites

Parece que nestes dias nos é exigido viver sem pensar no que vivemos. E quando pensamos, só conseguimos fazê-lo de acordo com nossos referenciais. Assim é quando refletimos sobre o tema limites. Para um educador, limite está intimamente relacionado à idéia de disciplina. Um advogado possivelmente associa o tema a contratos, normas e leis. Um religioso pregaria que limite é aquilo que o ser humano deve buscar superar dentro de suas potencialidades. Na visão da psicanálise, limite é algo determinante na estruturação psíquica do sujeito. Isso porque, é a partir de se perceber como ser incompleto, com faltas, que a criança aceita a falta do outro e se vê como ser social inserido na cultura.

Grande é o desejo que os profissionais da educação têm encontrado em relação à questão dos limites. E para enfrentar tal atuação, é necessária a ajuda de todo um conjunto de áreas do conhecimento como a sociologia, psicanálise, ética, história, tecnologia, comunicação social, além dos próprios saberes pedagógicos. Só dessa forma é possível assumir que a tarefa de determinar limites é de todos: sociedade, família, igreja, escola, educador e aluno.

É tarefa cotidiana, que deve começar desde muito cedo. O tempo passa, as crianças se tornam adolescentes mais conscientes e expostos aos perigos do mundo. Estão eufóricos, mas sentem medo. Nessa fase da vida, os jovens costumam lidar com os inimigos reais ou imaginários, externos ou frutos das próprias fantasias, usando de onipotência e racionalização. Através desses processos enfrentam seus temores e explicam suas reações. O questionamento e a transgressão às normas, a negação dos riscos a que está exposto no seu dia-a-dia e a dificuldade de reconhecer limites — próprios e alheios — são, entre outros, fatores que em maior ou menor grau determinam como o jovem vai se relacionar com o diferente, com o outro e administrar suas frustrações diante dele.

Discutir limites é, pois, mergulhar na reflexão sobre o mundo que criamos com os outros; é lutar contra a idéia de que nossas certezas são universais e verdadeiras. Implica aceitar que o ponto de vista do outro é tão válido quanto o nosso, ainda que possa nos parecer menos desejável. A ética fundamentada desta maneira nos remete à legitimação da existência do outro e a responsabilidade pelo agir e interatuar com ele. Sem aceitação da existência do outro, não há fenômeno social. Se achamos que a realidade existe independente de nós e que temos acesso privilegiado a ela, aquele que não concorda está equivocado, cego, com sua capacidade de avaliação comprometida.

Se nos dias de hoje estamos navegando em contextos turbulentos e incertos e corremos o risco de rotular, segregar, castigar, em nome de educar talvez a tolerância, flexibilidade e esperança possam constituir-se em bússola para a construção de seres humanos singulares, livres, autônomos, maduros e responsáveis na busca de uma sociedade mais participativa, justa e solidária.

Patrícia Mendes Rubim
Psicóloga do CSVP e coordenadora do SOE

APM: Um esforço

Ainda que todos saibam é sempre bom lembrar que a Associação de Pais e Mestres (APM) do CSVP tem como principal finalidade o estabelecimento de uma ativa colaboração entre as Famílias dos Alunos e o Colégio, com o objetivo de aperfeiçoar o processo educativo, em proveito da formação humana e cristã do Educando, da promoção do crescimento pessoal dos Pais e de estreitamento dos laços de amizade existentes.

Nesse sentido, fica claro que, quanto mais expressiva é a participação dos Pais e mais atuante é a APM, maiores são os benefícios para todos os segmentos que compõem a comunidade do Colégio – Alunos, Pais, Professores e Funcionários – e para a própria escola, um todo que, como em qualquer sistema, é muito maior do que a simples soma de suas partes.

Para Edevino Panizzi, tesoureiro da Associação, a participação dos Pais é a própria essência da APM: “Sem os Pais, a APM não existiria. Os Pais devem lembrar que, quando matriculam seus filhos no Colégio São Vicente, passam a fazer parte de um processo global, no qual, se desejarem, poderão desempenhar um papel importante na busca dos objetivos pedagógicos”.

Opinião semelhante tem Sérgio Castiglione, presidente da APM: “A nossa presença constante e crescente na vida escolar, em processo de parceria e aprendizado conjunto, favorece a melhoria da qualidade de ensino porque une todos os atores envolvidos em busca do objetivo maior da educação e da formação social dos nossos filhos”.

O final de um ciclo

A atual diretoria da APM (ver quadro) está encerrando mais um importante ciclo de trabalho (Biênio 2003-2004). Neste período, com a ajuda de alguns outros Pais, participou ativamente da organização de cada feira, festa ou atividade realizada no Colégio, como, por exemplo, a última Feira de Linguagens, quando ficou responsável pelo Café Musical.

Mais do que isso, no entanto, a APM continuou a apoiar inúmeros projetos culturais e sociais desenvolvidos no âmbito do Colégio: o curso de Corte e Costura, os projetos Jaguaruana e Nova Sepetiba, a Associação das Voluntárias da Caridade; os corais Loas e Luas e CSVP; as Cirandas do Livro no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, a reposição dos acervos bibliográfico e audiovisual, o curso de Cinema, o Teatro, as atividades de Educação Física e, por fim, a própria revista **a chama**, que manteve sua periodicidade semestral e seu papel de ajudar a preservar a história do São Vicente.

Num balanço sobre o trabalho realizado, Sérgio lamenta não ter sido possível implantar vários projetos de boa qualidade e de grande interesse que foram idealizados ou encaminhados à APM, seja pela falta de tempo disponível, pelo reduzido quadro de colaboradores ou por questões financeiras. O saldo final, no entanto, ele garante que foi positivo: “Durante duas gestões (2001-2002 e 2003-2004), representamos mais de mil Famílias, incrementando a presença efetiva do corpo de Diretores e de Colaboradores em todos os setores da Escola – pedagógico, administrativo, pastoral, social, artístico, esportivo, festivo e comunitário. Vencemos a etapa de aproximar um grupo recém-formado de voluntários a um grupo de competentes profissionais de educação que atua junto há muito tempo e, graças à obstinação de todos, conseguimos gerar o clima de afeto,

confiança e respeito que nos permitiu cooperar de forma bastante significativa. Este processo, que pode parecer simples, representa, na verdade, um grande e permanente desafio, que é manter a identidade própria da APM, ainda que ela esteja física e filosoficamente ligada às diretrizes do CSVP. Vencer esse desafio e ultrapassar os inevitáveis questionamentos oriundos dessa convivência só foi possível porque desempenhamos nosso papel com honestidade, transparência e identidade de propósitos”.

As novas eleições

Enquanto vai terminando o seu mandato, a atual diretoria lembra a todos que já em andamento o processo sucessório que vai definir a nova gestão para o biênio 2005-2006. Para quem se interessar, já estão abertas, na secretaria da APM, as inscrições de chapas, de candidatos isolados e de voluntários para trabalho conjunto com a diretoria. Numa segunda etapa, os inscritos participarão de reuniões organizadas pelas diretorias do Colégio e da Associação.

Os cargos de eleição são: presidentes, vice-presidentes e relações públicas. Além desses, serão também eleitos os três membros do conselho fiscal. Os cargos de confiança (convite da diretoria eleita) são: tesoureiros, secretários e representantes de professores.

Existe ainda a possibilidade de apoiar a diretoria, participando voluntariamente de diversas atividades, dentre elas, as de

Presidentes

Sérgio Mourão Castiglione e Denise Maria Braune, Pais de Giovanna (T. 52)

Vice-Presidentes

Marco Vinício e Rosária Bittencourt, Pais de Juliana (T. 54)

Relações Públicas

João Afonso e Solange Teixeira, Pais de Igor e Vinícius (T. 51)

Secretários

Geraldo Guimarães e Cristiana Andrade Mello, Pais de João Pedro (T. 61)

Tesoureiros

Edevino Panizzi e Elizabeth Mary Tauci, Pais de Thiago (1ºB) e Raphael (1ºD)

Professores

Gerson Vellaco Junior e Cristina Cavalcanti de A.Vieira, Pais de João Pedro (T. 42)

que vale a pena



CERIMÔNIA DE POSSE DA ATUAL DIRETORIA DA APM, EM MARÇO DE 2003

acompanhamento pedagógico das diferentes séries; de colaboração nos eventos esportivos, artísticos e pastorais; de relacionamento com a comunidade e com associações afins; de aprimoramento da saúde escolar; de barateamento do acesso a eventos culturais; e de redução de custos do material escolar (troca de livros, descontos em compras nas papelarias/livrarias).

Para os que virão, boas notícias: estarão recebendo, como garante Panizzi, uma APM organizada, com todas as pendências contábeis, fiscais e tributárias regularizadas, com alvará legalizado e com registro de atas; um novo Estatuto, adaptado ao atual Código Civil Brasileiro, e uma comunidade mais consciente de suas responsabilidades na vida do Colégio.

Quanto ao que ficou por realizar, quem fala é Sérgio: “A atual diretoria acredita ter encontrado muitas respostas mas ainda ter deixado muitos problemas sem a adequada solução. Na posição de representantes dos Pais e Mestres da Escola, ainda consideramos pequena a participação dos representados. A consequência disso é que, na maioria das vezes, as decisões sejam tomadas a partir do bom senso e do consenso entre um reduzido grupo de diretores e as posições, nem sempre inquestionáveis, da própria escola. Particularmente, por exemplo, eu não gosto do modelo de atendimento médico no CSV. Acho que é um ponto a ser debatido e, quem sabe, modificado.

Talvez o modelo atual seja mais viável, mas pode ser que a implantação de um atendimento médico próprio, como o utilizado antigamente em grandes colégios fosse mais salutar para os nossos filhos”.

Para ele, os problemas oriundos da diversidade de crenças religiosas, conceitos e culturas familiares, da formação educacional prévia e dos ansiosos em relação ao desempenho da escola na educação dos filhos acabam se evidenciando apenas em situações críticas e pontuais que requerem solução imediata. “Certamente, uma maior participação nos processos de decisão geraria ambiente de mais tranquilidade e confiança mútua a toda a nossa comunidade escolar”, afirma, reconhecendo a necessidade de corrigir as possíveis falhas de comunicação e o importante papel que a utilização mais intensa da Internet, tanto por aqueles que geram o processo quanto pelos responsáveis pelos Alunos, poderia exercer nesse processo.

Apesar de tudo, Sérgio acredita que valeu a pena o esforço da diretoria atual e que valerá o daqueles que assumirem o desafio: “Legamos um caminho extenso e multidirecional, com muitas portas já abertas, e que esperamos ver cada dia mais ocupado por todos. Um caminho no qual nossos filhos estão no ponto de partida, durante a caminhada e na linha de chegada”. ■

REVISÃO DO ESTATUTO

A adequação do Estatuto da APM ao novo código civil brasileiro depende da participação de 2/3 dos associados. Devido à óbvia dificuldade de se reunir todas essas pessoas, a APM resolveu realizar o processo por meio de circular enviada aos pais. O novo Estatuto está disponível no site do Colégio (Seção APM). Esteja atento a isso, pois seu voto deve ser entregue por ocasião da matrícula de seu filho.

ESPORTE PARA OS PAIS

A APM vem se empenhando para abrir novos espaços de participação e convívio para os Pais e Mães de Alunos. O esporte foi um dos caminhos escolhidos e, nas sextas-feiras, das 20h às 22h, as quadras do Colégio estão disponíveis para os responsáveis que queiram aproveitar a chance de se exercitar e se divertir um pouco. Se você gosta de bater uma bolinha ou se está querendo entrar em forma, monte seu time e venha relaxar após uma semana de trabalho. Os contatos devem ser feitos com a secretaria da Associação ou com o professor Gerson Vellaco.

IDÉIA APROVADA!

Com o intuito de reservar para a festa natalina um sentido mais espiritual e cristão, a APM propôs a realização de festas trimestrais para homenagear e presentear os aniversariantes do Colégio. O sucesso da iniciativa tem sido tão grande quanto o empenho da diretoria e dos colaboradores em proporcionar bons momentos de convivência e confraternização. Em março, foi feito um churrasco. Em junho, a APM ofereceu uma feijoada aos funcionários e professores do Colégio que, além de participarem de uma celebração na Capela da Casa Central, se divertiram com o karaokê e com o sorteio de brindes entre os aniversariantes. Para os aniversariantes do terceiro trimestre a diretoria colocou literalmente a mão na massa e preparou um almoço à italiana, com direito a diversos molhos, a vinho e à música ao vivo. Para fechar o primeiro ano do projeto “Aniversariantes do Trimestre”, o churrasco foi novamente escolhido. O cardápio mudou e as atrações também, permaneceram, no entanto, a religiosidade das celebrações, a alegria e o alto astral.

Uma solução

Ao longo deste ano, as Famílias do São Vicente foram surpreendidas com notícias sobre assaltos e outros atos de violência no Cosme Velho, inclusive contra alunos do Colégio. Durante alguns dias, o Colégio esteve nas páginas dos grandes jornais, tendo que responder a questões como, por exemplo, seu esquema de câmeras e segurança.

Já na circular que Pe. Lauro Palú enviou aos pais na ocasião, estava explícita a preocupação do Colégio de que não se criasse um clima de pavor e revanchismo, próprio de momentos em que as pessoas se sentem acuadas. “Mais que tudo, importamos, nesta situação, que não haja, no espírito de nossos Alunos e Alunas, nem nas Famílias, a identificação perversa de assaltante com Pobre, como se faz muitas vezes nos discursos e na imprensa”, pede o texto.

Como Cecília Minayo, coordenadora do Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde (Claves), da Fundação Oswaldo Cruz, explicou em entrevista à última edição da chama, esse tipo de atitude só faz aumentar a situação geral de violência: “O maior problema do medo na sociedade brasileira hoje, principalmente no Rio de Janeiro, é, do ponto de vista relacional, o aumento da agressividade e o fechamento das pessoas em relação aos outros ou em suas casas. (...) É, do ponto de vista social, (...) passamos a crer que o outro é nosso inimigo ou pode nos ferir, prejudicar ou matar”, disse. Na mesma entrevista, Minayo faz crer também que uma outra atitude é possível. “Uma sociedade, cultura, comunidade ou instituição cria e reproduz como quer resolver seus conflitos, por meio da argumentação, do diálogo, do respeito ou por meio da coerção física, da humilhação, da submissão do outro”.

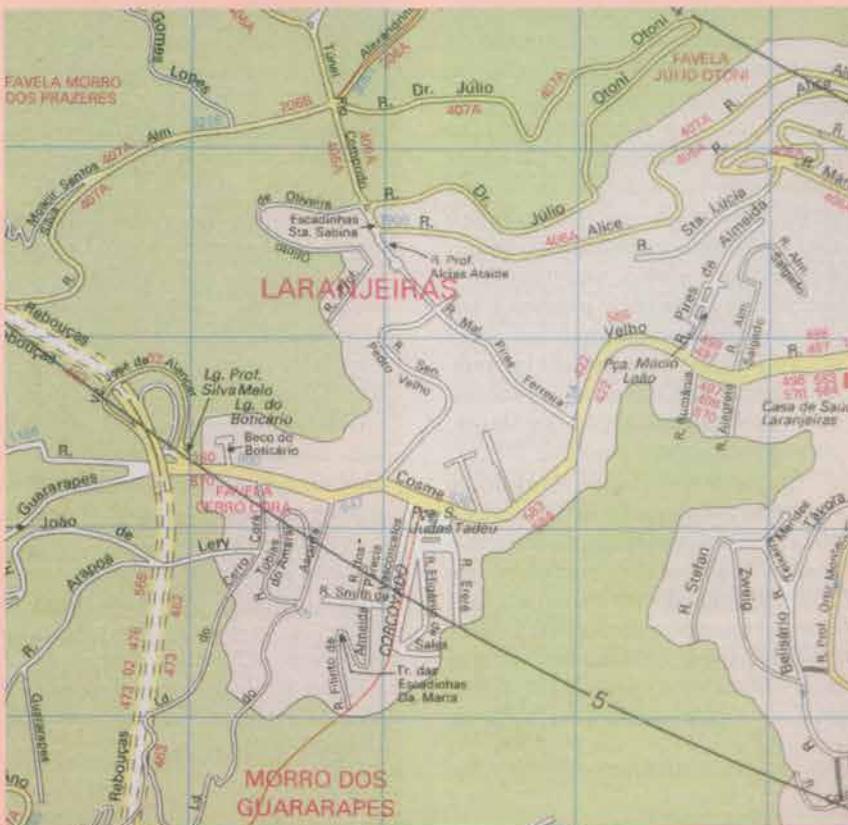
Acreditando nesse caminho alternativo e optando por seguir uma linha que entende a violência como um problema macrosocial e tenta combatê-la com solidariedade, a Associação de Pais e Mestres (APM) e a Compasso envolveram-se na construção de uma articulação coletiva da qual nasceu a “Rede Social do Cosme Velho”.

Venha integrar a Rede Social do Cosme Velho

A partir da ocorrência, e principalmente da divulgação na grade imprensa, de fatos desagradáveis no dia-a-dia do Cosme Velho, atingindo inclusive alunos do CSVP, começaram a despontar movimentos individuais de reação, que levaram à convocação de uma reunião em na igreja São Judas Tadeu, no dia 11 de maio deste ano, e à passeata dos alunos do São Vicente. Nessa reunião, as principais sugestões pediam atitudes como o aumento de medidas policiais repressivas.

No desenvolvimento desse assunto, a Associação de Pais e Mestres (APM) e a Coordenação Comunitária, Pastoral e Social do São Vicente (Compasso) entenderam como necessário o estímulo a uma outra visão do problema da violência, abordando o processo por sua origem social e deixando para outros movimentos, pessoais ou organizados (como a reativação da associação de moradores do Cosme velho) a cobrança de medidas imediatas aos órgãos de segurança legalmente constituídos.

Assim surgiu a “Rede Social do Cosme velho”, derivada de um momento crítico, e que agrega movimentos e pensamentos voltados para a ação social. Participam dela: a APM, o CSVP, a organização não-governamental (ONG) “se essa rua fosse minha”, os atuais responsáveis pela associação de moradores do Cosme Velho, comerciantes e moradores de todas as comunidades do bairro, além de pessoas convidadas e interessadas nesse tipo de ação. Já contamos com a presença de estagiários de comunicação, arte-educadores, representantes de outras ONGs, responsáveis por projetos culturais e de estímulo à geração de trabalho e renda implantadas em outras comunidades, além de pais de alunos do Colégio não residentes no bairro.





Não há lideranças formais, mas sim consenso de atuação.

A partir dessa composição, temos hoje alguns objetivos já atingidos: implantação de um quiosque na estação da Estação Ferroviária do Corcovado para vender doces artesanais feitos na comunidade; aulas de reforço escolar ministrada a crianças de uma das comunidades do Cerro-Corá; mutirões de limpeza e retirada de lixo nas encostas que margeiam a Estrada de Ferro etc.

A partir dessa composição, temos hoje alguns objetivos já atingidos: implantação de um quiosque na Estação Ferroviária do Corcovado para vender doces artesanais feitos na comunidade e uma exposição fotográfica e documental que em breve deverá ser montada nesse espaço; aulas de reforço escolar ministrada a crianças de uma das comunidades do Cerro-Corá; mutirões de limpeza e retirada de lixo nas encostas que margeiam a Estrada de Ferro; oferta de duas bolsas de estudo pela Cultura Inglesa, para serem utilizadas por pessoas da comunidade, e realização conjunta de um pré-vestibular noturno, para 40

alunos das comunidades vizinhas, que vai funcionar no Colégio Sion, o qual também ajudará a coordenar o curso.

Temos ainda muitos projetos importantes e o principal deles é a aplicação de um questionário nas comunidades do Cerro-Corá, Guararapes e Acurra, por jovens da própria comunidade, visando compor um diagnóstico das necessidades sociais dessas comunidades e do trabalho de agentes institucionais ou voluntários já envolvidos nesse processo. Outro projeto é a luta pela reurbanização total do Cosme Velho, priorizando a possibilidade turística de geração de emprego e renda, e a ocupação da nova Praça do Cosme Velho, em frente à Igreja de São Judas Tadeu, com atividades que a mantenham como espaço de convivência.

Na verdade, a Rede Social do Cosme Velho é o Cosme Velho inteiro, com toda sua comunidade representada, ora por uns ora por outros, em busca de melhor qualidade de vida. Só está faltando você.■

Sergio Castiglione

Presidente da Associação de Pais e Mestres do CSVP

O que é uma rede social?

Olhar a sociedade como rede significa pensá-la como um emaranhado de pessoas, grupos ou instituições que interagem e se comunicam entre si. Quando se vai além e se pensa em redes sociais, está-se falando de uma nova tendência de organização e participação social que, segundo alguns sociólogos e antropólogos, nasce ou se fortalece a partir dos anos 90.

Redes sociais (ou de movimentos sociais) podem ser identificadas em pequenas iniciativas que surgem no dia-a-dia das pessoas e acabam influenciando as mudanças sociais. Redes são, portanto, uma nova forma de organização que, no mundo contemporâneo, vem substituindo, gradativamente, os grandes movimentos que se acreditava serem capazes de transformar as bases da sociedade.

Nas redes sociais, a hierarquia das instituições e dos movimentos tradicionais (como sindicatos e mesmo grupos de guerrilha, por exemplo) dá lugar a vínculos informais e horizontalizados. Elas são descentralizadas e permitem que cada pessoa assuma o papel (e não a posição) de liderança em diferentes tarefas.

As redes de movimentos sociais são potencializadas a partir das redes de convivência que já existem naturalmente na nossa vida. Mas isso só acontece quando pessoas, grupos ou instituições identificam uma motivação comum, que pode estar relacionada ao seu local geográfico, a valores, a lutas por objetivos específicas. De qualquer forma, é preciso que haja um interesse compartilhado, que mobiliza os atores e põe em prática sua solidariedade. Exatamente como vem acontecendo com a Rede Social do Cosme Velho.

Quem quiser conhecer mais sobre redes sociais, pode acessar os trabalhos da pesquisadora Regina Maria Marteleto, mãe de dois ex-alunos do São Vicente.

Um campo à espera

Dia 31 de maio de 1999, depois da morte do Pe. José Pires de Almeida, tomei posse pela segunda vez como diretor no Colégio São Vicente de Paulo. Neste Colégio, eu já havia trabalhado de 1980 a 1986, até quando fui eleito Assistente Geral da Congregação em Roma. Tenho dito ao Pe. Eli Chaves dos Santos, nosso Visitador, que estou contente e mesmo feliz neste trabalho, apesar das dificuldades de cada dia.

Nos três primeiros anos e meio, contei com a colaboração competentíssima do Pe. Maurício Paulinelli, que, além de administrador financeiro, era um educador sempre participante, crítico, informado, seguro, preparado para cada atividade e presente em todos os setores, sempre que necessário ou aconselhável.

Desde 2003, tenho sido ajudado pelo Pe. Agnaldo Aparecido de Paula, que sabe cumprir sua função de modo surpreendente, pois veio de um campo de trabalho muito diverso, da formação dos Nossos para a administração de um Colégio grande e trabalhoso como o São Vicente. Também deu uma colaboração significativa ao Colégio o Padre Geraldo Mól e agora muito nos ajuda o Pe. Geraldo Barbosa.

Pe. Geraldo Barbosa é Diretor das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro. Dedicava fielmente ao Colégio metade de seu tempo, ocupando-se em visitar todas as salas de aula, apresentando-se aos Alunos e Professores como disponível para um contato pastoral de orientação, para confissões e para o que for necessário e possível. Em vez de ficar num escritório, esperando que o procurem, como no início parecia bom, agora tem ido a todas as Turmas, nos horários das aulas de formação religiosa ou nos chamados Encontros de Turma, quando os Alunos e suas Orientadoras Educacionais e Coordenadoras Pedagógicas debatem assuntos, atividades, valores, iniciativas ou problemas de interesse geral de cada Turma. Isso tem sido especialmente proveitoso no curso



PE. LAURO: "ESTAMOS DISPOSTOS A COLABORAR, FAZENDO DE TODO ESTE COLÉGIO UM VASTO CAMPO MISSIONÁRIO"

de Educação de Jovens e Adultos (antigo Supletivo), cujos Alunos são muito interessados, preocupados com sua vida religiosa e mais instruídos, trazendo formação de sua infância e juventude, vividas, na maioria, nos estados do Nordeste do Brasil.

Em relação aos Alunos, Professores e Funcionários e às Famílias ligadas ao Colégio, estamos com trabalhos em vários setores. Fazemos muitos batizados, sempre precedidos da catequese para os Pais e Padrinhos (nas Paróquias e aqui mesmo no Colégio) e sobretudo para os Alunos, no nível de compreensão de cada um deles. Tanto eu como o Pe. Mól preparamos crianças, jovens e adultos para o Batismo. As preparações da Primeira Eucaristia e da Crisma ocupam boa parte do ano e um grupo destacado de catequistas. A Primeira Comunhão ocorre na 5ª ou 6ª série do Ensino Fundamental; a Crisma, no 1º ano do Ensino Médio. As celebrações dos Sacramentos foram muito concorridas.

A Crisma no ano passado foi na Catedral Metropolitana do Rio, com dez Alunos (oito do diurno e dois do noturno), na festa de Cristo Rei, quando

o senhor Cardeal e seis Bispos Auxiliares crismaram mais de 700 pessoas. Em outubro de 2003, tivemos, aqui no Colégio, não sei se pela primeira vez, a Crisma de um grupo de Mães de Alunos. Quando ofereci às Famílias a oportunidade de batizarem seus Filhos, várias Mães perguntaram se seria possível prepará-las para a Crisma. Este apostolado foi assumido pelo Pe. Geraldo Mól, com excelentes resultados. Este ano já temos um grupo de preparação de várias Mães e alguns Pais.

Atualmente, estão em andamento trabalhos promovidos pelos Professores, com os Alunos e muitos Pais e Mães, na Campanha da Globalização da Caridade: Luta contra a Fome. Temos atendido crianças de várias creches e dispensários, com visitas semanais, campanhas para arrecadação de alimentos, roupas, livros e brinquedos. Alunos do curso diurno voltam ao Colégio, à noite, para serem monitores dos adultos do curso noturno, com excelentes resultados. Estamos estudando a criação do Ensino Médio também de noite, em regime supletivo. Professores, Funcionários, algum Pai e algum Aluno já participaram dos

de mais missionários

trabalhos missionários e sociais em Cocos, nas férias de janeiro e julho, promovidos inicialmente pelo Pe. Maurício Paulinelli e mantidos depois com zelo também pelo Pe. Geraldo Mól, que já auxiliava o Pe. Maurício. Um grupo de Professores, com o auxílio da Associação de Pais e Mestres e do Colégio, está apoiando um programa de alfabetização de adultos em Jaguaruana, no Ceará. Outro grupo de Pais, Professores e Funcionários apoiou o Pe. Geraldo Mól no trabalho em Nova Sepetiba, com insistência na promoção social e na evangelização.

Há dez anos, os Alunos se organizam nos Comitês Graúna e Grauninha, inspirados pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, e pela sua Campanha de Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida. Promovem campanhas de arrecadação, vão às instituições levar o que arrecadam, movimentam seus colegas nas festas juninas, nos domingões vicentinos, nas campanhas semanais, nas promoções de Natal.

A partir de fevereiro deste ano de 2004, tentamos ajudar mais sistematicamente na prática religiosa os Alunos e seus Pais, também os Professores e Funcionários, promovendo no Colégio, de modo regular, celebrações mensais ou mesmo semanais, com ênfase nos tempos fortes da liturgia, Quaresma, Páscoa, festas de Nossa Senhora, Pentecostes, Natal, festa de São Vicente, nos sacramentos da

iniciação cristã e nas circunstâncias especiais, como os aniversários dos Professores e Funcionários cada trimestre, o dia das Mães, os 15 anos, as bodas de prata e de ouro, os falecimentos, os sétimos e trigésimos dias. Isso supõe em nós que trabalhamos diretamente no Colégio e nos outros Coirmãos da Casa Central uma disponibilidade grande para atender a todas as promoções, mas estamos animados a fazer esse esforço, que se soma, inevitavelmente, às centenas de reuniões e encontros que já temos com a comunidade Educativa do Colégio, cada semestre.

O clima no Colégio está se modificando aos poucos, dada a atenção de muitas Famílias ao que temos podido fazer. Esse nosso esforço é possível porque os Pais têm sido chamados a uma parceria efetiva com a Escola. E têm correspondido ao nosso empenho, sentindo que a sociedade atual, os meios de comunicação, a difusão do materialismo e das facilidades exageradas que o dinheiro possibilita acabam prejudicando a formação das crianças, dos adolescentes e dos jovens. Pedem-nos essas várias formas de ajuda e estamos dispostos a colaborar, fazendo de todo este Colégio um vasto campo missionário, que exigirá mais presença da Província e mais ajuda, no nosso objetivo de formar agentes de transformação social, na linha do que nos pedem as Constituições e Estatutos da Congregação da Missão e as Normas Provinciais, pondo a

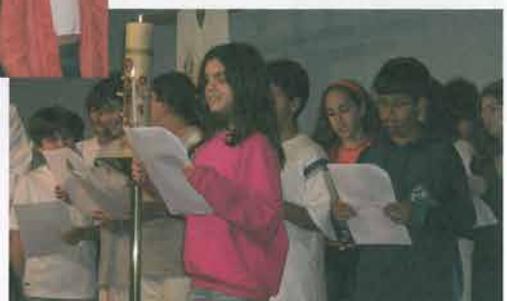
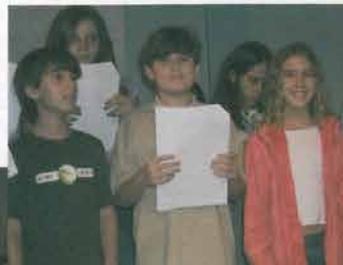
educação desses jovens a serviço da promoção humana, da inclusão dos Pobres, da implantação da justiça no mundo, aquilo que São Vicente dizia: Tornar efetivo o Evangelho.

No lançamento da Campanha da Fraternidade de cada ano, tenho insistido com os Professores e Funcionários em que é necessário pôr os temas que os Bispos escolheram para cada ano no conteúdo e na própria metodologia de nossos trabalhos com os Alunos, ao longo do ano. Este ano, com o tema da água para 2004, já começamos a insistir na linha sugerida pelos dirigentes da Família Vicentina em todo o mundo: trabalhar para fazer pressão política e mudar as estruturas. Há muito o que fazer e dá gosto ver os Professores assumirem com decisão essas linhas que a Família Vicentina tem proposto, sentindo-se também eles responsáveis pelo que estamos tentando construir no mundo.

Tudo isso prova quanto é necessário um grande apoio da Província, em pessoal, para nossa obra no Colégio São Vicente, e como precisamos do apoio e parceria das Famílias e de muitos Voluntários.■

Pe. Lauro Palú, C. M.

MISSA 15 ANOS E BODAS E ORAÇÃO E ENTREGA DA CRUZ DA 5ª SÉRIE



A chama é de todos

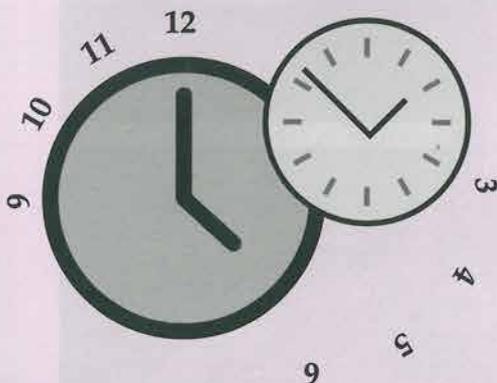
“Nunca são demais os laços, quando existem tantas forças de desagregação”.

A frase de Pe. Almeida está na primeira edição da revista, publicada em setembro de 1973, e espelha a expectativa do então diretor do Colégio, de que a revista representasse uma força de reação aos movimentos de desagregação social e de aproximação dos membros da comunidade do São Vicente, um espaço coletivo de reflexão sobre os processos e projetos pedagógicos desenvolvidos no Colégio e de desvelamento dos sujeitos que constroem o dia-a-dia da Escola.

No intuito de manter viva essa expectativa, os muitos editores que assumiram a chama ao longo de seus 31 anos de existência sempre convocaram Alunos, Pais e Professores para participarem de sua elaboração, enviando textos e sugestões para o enriquecimento da revista. A ajuda foi grande quando solicitada e muitos, quando convidados pessoalmente, tiveram uma participação fundamental em todo o processo. Poucos, no entanto, tomaram a iniciativa de escrever e enviar seus textos para a publicação.

Com o objetivo de estimular esta participação espontânea e lembrar mais uma vez que a chama não é apenas a revista da APM, mas um espaço que a APM abre para toda a comunidade, a revista traz um texto do Professor João Carlos.

Vale a pena ler. Vale a pena refletir e, quem sabe, arranjar um tempinho para dividir com todos a riqueza de suas próprias experiências e reflexões. ■



Tempo é dinheiro?

Parece que a vida de hoje é regida pelo lema “Tempo é dinheiro”. As pessoas estão sempre correndo, sempre pensando em ocupar seu tempo em atividades remuneradas. Se esse lema faz sentido quando o tempo é aplicado ao trabalho produtivo (“Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje”, diz o provérbio), o mesmo não se dá quando a pessoa usa seu tempo para outras atividades que, se não produzem dinheiro, enriquecem a vida: passear com os filhos, apreciar o pôr do sol, observar as belezas da natureza, ouvir música ou meditar sobre os mistérios da vida.

O sentimento de estar premido pelo tempo tem alguns efeitos negativos; psicólogos comentam que, na entrevista inicial com clientes potenciais, eles logo dizem que desejam um tratamento rápido, o que dificilmente é compatível com a complexidade das questões a serem resolvidas; alguns até se dão por satisfeitos só com a primeira entrevista, na ilusão de que já compreenderam tudo sobre seus problemas. Professores de crianças também dizem que a duração do “tempo de atenção” dos alunos para o que está sendo ensinado está ficando cada vez mais curta. O prazer de uma refeição, tanto pelo degustar da comida quanto pelo convívio com parentes e amigos, desaparece quando as pessoas tornam-se aficcionadas pelo *fast food*.

Como tudo na vida, trata-se de achar o meio termo entre dois extremos: trabalhar o tempo todo ou divertir-se o tempo todo. É claro que esse meio termo a ser buscado não é um ponto determinado: não há uma solução exata. O que se deve procurar é antes uma faixa de possibilidades dentro da qual provavelmente estará a repartição consentânea entre trabalho e outras ocupações.

Por outro lado, não devemos nos esquecer de que o trabalho não é apenas um encargo penoso, como se poderia pensar tomando literalmente o versículo da Bíblia (Gn 3,17) que diz que ele foi instituído por Deus como uma maldição. O trabalho é um excelente instrumento para estruturar o tempo disponível de qualquer pessoa e alimentar a auto-estima.

Cada um de nós dispõe, em média, de 16 horas de vigília por dia. Quem trabalha não tem problemas sobre o que fazer desse tempo: oito horas de trabalho mais uma de almoço, somadas ao tempo para ir e voltar entre a moradia e o escritório, já ocupam umas dez horas, sobrando apenas seis para a pessoa dispor como quiser. Sem o trabalho, no entanto, as decisões sobre o que fazer do tempo tornam-se mais complexas, pois o lapso de tempo a ser estruturado é bem maior. É preciso examinar as inúmeras opções para sua utilização e encontrar, dentre elas, as que proporcionem maior prazer, juntamente com um sentimento de utilidade e auto-realização. O trabalho se encarrega de tudo isso: além de disciplinar o uso do tempo, traz uma compensação em dinheiro e benefícios, que dão segurança e permitem satisfazer as necessidades básicas da vida (e, às vezes, bem mais do que isso). E, em se tratando de trabalho, aplica-se o princípio de que “Tempo é dinheiro”, pois, quanto mais cedo se atingir o bem que ele deve produzir, mais cedo serão colhidos os benefícios para quem trabalhou e para a sociedade em geral.

Acredito que os rituais da Igreja Católica, com sua solene lentidão, servem como um lembrete sobre como “gastar” tempo numa atividade não-utilitária, mas que faz bem ao espírito. Está presente nesses rituais o mesmo princípio que norteia as meditações e os mantras orientais que provocam tanta admiração no ocidente. Às vezes, as pessoas ficam impacientes com a missa ou com uma ladainha, sem perceber a lição que está por trás dessa maneira de empregar o tempo.

Parece-me que as pessoas estão se dando conta de que o caminho da correria pelo qual a civilização ocidental enveredou não é a melhor solução para encontrar a felicidade que Deus nos oferece.

João Carlos de Rezende Martins
Professor de Inglês do CSVP

Uma outra face do Grauninha



Uma vez por semana, às terças-feiras, o projeto Grauninha realiza oficinas de artesanato com voluntários, que confeccionam produtos e os vendem como forma de arrecadar fundos para a ação social. Essa é a parte do projeto que todos no Colégio São Vicente conhecem. No entanto, há outro lado do Grauninha que passa despercebido pela maioria das pessoas, mas tem importância fundamental para quem participa das oficinas: o contato entre pais e filhos. Como explica Maria Ângela Pimentel (mãe de Marcella, da 2ª série E.F. e do ex-aluno Ronaldo), estar ao lado dos filhos numa atividade lúdica e de auxílio é uma grande chance para que os pais possam transmitir a eles valores e princípios como a amizade, a justiça e a fraternidade.

“O Grauninha, hoje, é uma família”

A relação que eu e minha filha Marcella temos com o Grauninha nasceu de uma forma muito espontânea. Um dia, fui apanhar Marcella na escola e me surpreendi com um pedido dela para que nos inscrevêssemos numa das oficinas do projeto, que até então eu não conhecia. Havia, na ocasião, uma pequena exposição de trabalhos e algumas mães faziam inscrições para as oficinas de fuxico, origami, recuperação de brinquedos e outras. Achei a iniciativa da Marcella formidável e decidimos entrar para o grupo de fuxico. Estamos lá até hoje, construindo grandes relações de amizade e, ao mesmo tempo, aproveitando a escola para além de seus conteúdos curriculares, partilhando saberes com os companheiros de projeto.

O Grauninha tem inúmeros desdobramentos na vida dos que dele participam. Uma dimensão do projeto que nem sempre é percebida por quem não faz parte das oficinas é sua influência na relação entre pais e filhos. Participar do projeto permite nosso convívio no espaço escolar, que muitos ainda vêem como de alunos e professores. Também proporciona o estreitamento de laços entre os parceiros. Até hoje me refiro às oficinas como aulas de fuxico e, portanto, trato os parceiros carinhosamente de fuxiqueiros. Essa relação se aproxima do que considero a escola ideal, aquela que transcende a transmissão dos conteúdos e possibilita o exercício da cidadania em ambiente lúdico e social. A escola é a primeira esfera de participação política vivenciada pela criança e é, por isso,

espaço privilegiado para a construção de autonomia e de visão crítica.

A relação de pais e filhos em uma atividade, ao mesmo tempo, lúdica e útil é fundamental para a educação das crianças. Assistimos, ao longo das últimas décadas, a uma total degradação de valores éticos, que vem transformando a humanidade num espaço de disputa entre semelhantes. Sinto, hoje, em muitas situações, nossas crianças reféns de uma sociedade que impõe – principalmente pela mídia – o consumo de bens e valores concebidos para alimentar o capital e que deformam e distorcem a visão dos valores humanísticos. Nossa participação no projeto social Grauninha tem sido uma lição de vida. Nesse ambiente, as crianças são ensinadas a valorizar a diferença pela convivência com seus pares, pelo exemplo dado pelos professores, pelo clima afetivo das relações estabelecidas, sem tensões competitivas. O astral é de solidariedade e participação, graças à dedicação das professoras Marlúcia e Edna, e também ao vigor com que pais e alunos se engajam nas atividades. Somos testemunhas do crescimento que Marcella teve nesse espaço no qual conseguiu resgatar sua autonomia e auto-estima, hoje traduzidas em sucesso escolar.

O Grauninha parte da certeza de que todos sempre sabem alguma coisa e de que podem aprender, no tempo e do jeito que lhes são próprios. Não desistimos nunca de buscar meios que possam ajudar a vencer os obstáculos encontrados. O projeto é para mim, que sou mãe e educadora, uma proposta formidável na busca por um mundo melhor. E, como

toda proposta, ele deve estar aberto a sugestões e aprimoramentos visando o fortalecimento de suas ações. O Grauninha tem muito a ganhar, por exemplo, se a escola estiver cada vez mais perto do projeto, para divulgá-lo aos pais que desejem participar das oficinas e levá-lo como opção a toda a comunidade vicentina, da mesma forma como foi conduzido, com sucesso, o projeto Cocos. A falta de um espaço próprio para o Grauninha e de infraestrutura para o trabalho nas oficinas também são obstáculos a serem superados com o empenho de todos os que acreditam no projeto.

O Grauninha, hoje, é uma família formada por duas professoras, meninos e meninas, avós, pais e amigos da comunidade. Todos, além de acumularmos inúmeras tarefas do dia-a-dia, atendemos com imenso prazer ao compromisso assumido. O projeto é um lugar de formação extremamente prazeroso, que nos permite experimentar, relaxar, descobrir, criar e nos sentirmos úteis. O Grauninha é muito fértil para exercitar mudanças de diversas ordens e é, para os pais, uma oportunidade de partilhar com seus filhos valores e princípios que a sociedade não consegue mais cultivar. A revolução tecnológica e do trabalho é um fato. Como lidar com essas mudanças é uma pergunta. O Grauninha é, no mínimo, uma tentativa de resposta. ■

Maria Ângela Pimentel
Mãe de Ronaldo (ex-aluno) e Marcella Pimentel (2ª série E.F.)

TRADIÇÃO E SOLIDARIEDADE

Três festas juninas animaram o São Vicente este ano. A do Curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi realizada no dia 5 de junho. Alunos e Professores se encarregaram de preparar os comes e bebes típicos dos santos juninos. Para completar a festa: casamento, quadrilha e forró.

No dia 17, foi a vez das Voluntárias da Caridade fazerem a festa para as 34 famílias atendidas por elas. Houve pescaria para as crianças, gostoso lanche junino e dança para todos. Os adultos foram presenteados com lençóis, toalhas de banho e cobertores.

Para as turmas de 1ª série do EF à 3ª série do EM, a festa aconteceu no dia 26 e foi marcada pela arrecadação de alimentos e gêneros de primeira necessidade a serem distribuídos por várias instituições. A coleta fez parte das gincanas e o resultado mostrou o empenho dos alunos que, com cartas do Colégio, procuraram os comerciantes da região e pediram doações. A festa contou com a participação ativa dos pais e convidados que dançaram até quadrilha, puxada pelo funcionário Antonio Moraes (áudio-visual).



QUADRILHA: A IMPORTÂNCIA DE SE MANTER A TRADIÇÃO

VOLUNTÁRIAS DA CARIDADE: 44 ANOS DE AÇÃO

No dia 26 de agosto, as Voluntárias da Caridade comemoraram, com missa e almoço, 44 anos de atividades no Colégio São Vicente de Paulo. O trabalho começou com um grupo de Mães que frequentavam missa no Colégio e resolveram atender ao chamado para as ações de solidariedade. Naquela época, havia mais colaboradoras porque poucas mães trabalhavam fora. Hoje, as Voluntárias têm um espaço próprio no Colégio mas se ressentem de uma renovação no grupo. As Voluntárias, no entanto, continuam atuando com carinho e disposição. Quem quiser, pode se juntar a elas.

VOLUNTÁRIAS DA CARIDADE: 44 ANOS AO LADO DA POPULAÇÃO CARENTE

“OS BASTIDORES DO GOLPE”

Dando prosseguimento ao debate a respeito dos 40 anos do Golpe de 1964, Alunos das turmas de 2ª e 3ª séries do Ensino Médio assistiram no dia 10 de setembro à peça “João Goulart e os bastidores do Golpe de 64”. Além de possibilitar o contato dos Alunos com a história recente do Brasil, a peça, escrita, dirigida e protagonizada pelo ator Johnny Vaz, permitiu o debate sobre temas fundamentais para a construção de uma cidadania consciente e responsável.

OLIMPÍADAS 2004

“Juro competir com paz e pela paz, respeitando os companheiros e o regulamento da competição, visando

ao engrandecimento desportivo do nosso colégio e do nosso país”. O juramento dos atletas foi feito na festa de abertura dos jogos, no 16 de setembro, após o já tradicional desfile da bandeira nacional, da bandeira do Colégio e da bandeira olímpica e a execução do Hino Nacional. A festa continuou com os discursos de abertura e com uma apresentação de dança. A preparação dos jogos, no entanto, começou bem antes, com a escolha do logotipo da competição. Este ano, as autoras da proposta vencedora foram Bruna de Brito e Beatriz Martins Ferreira, da turma 42. No dia 27 de outubro, com o final da etapa do Ensino Médio, foram encerradas as Olimpíadas, que já se consagraram como o evento mais importante do calendário esportivo do Colégio.



ALUNAS APRESENTAM O SÍMBOLO OLÍMPICO NA ABERTURA DOS JOGOS

REUNIÃO DA ABOP

A Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (Abop) é uma sociedade civil e sem fins lucrativos, que congrega orientadores profissionais do Brasil. Sua missão é desenvolver, integrar e valorizar a Orientação Profissional no país e seu objetivo é estimular o respeito ético, o rigor científico e o compromisso com a população na prestação de serviços, na pesquisa e na formação desses profissionais. Dentro dessa proposta, a Abop ministra cursos pelo Brasil, alguns dos quais contaram com a presença de Profissionais do Colégio. No dia **19 de junho**, com o objetivo de puxar um braço dessa Associação para o Rio de Janeiro, foi realizada uma reunião da ABOP no São Vicente.

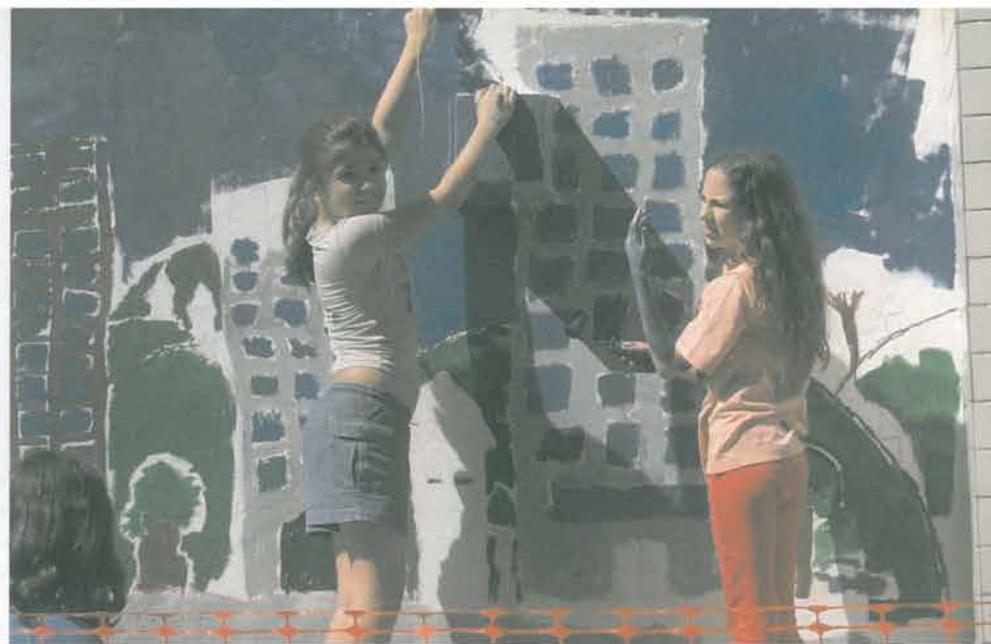
LETRAS, LIVROS E LEITURAS

No sábado, dia **21 de agosto**, os Alunos de 1ª à 4ª séries do Ensino Fundamental tiveram uma animada manhã cultural. Pela manhã, houve oficinas de papel e de texto. Convidados pela Professora Mônica, da Biblioteca, Renato Lima – um bancário que escreveu um livro para crianças –, Pedro Pessanha – um autor de 9 anos que está escrevendo seu 2º livro – e os ilustradores Graça Lima e Roger Mello falaram sobre seu trabalho e responderam a perguntas sobre a criação de histórias e sua ilustração.

A Professora Renata, de Artes, apresentou álbuns de fotos tiradas pelos Alunos de 3ª série do Ensino Fundamental nos passeios à Baía da Guanabara e Jardim Botânico. Teve ainda uma Feira de Livros e Gibis, onde os Alunos podiam ler e comprar, e o Cantinho de Doações, onde eram deixados livros para a Biblioteca Infantil.



ESTIMULANDO A LEITURA ENTRE OS ALUNOS



ARTE E EDUCAÇÃO

Se aprender é bom, aprender brincando é melhor ainda. Que o digam os alunos da 4ª série que se reuniram no dia **7 de agosto** para pintar o muro da rampa do estacionamento do Colégio. Antes de começar a atividade, o Professor Rafael Dória (Artes) falou sobre o cuidado com as tintas e sobre a importância de colaborar com os colegas durante a atividade, num verdadeiro trabalho em equipe. O tema escolhido para a pintura foi a Baía de Guanabara.

A pintura do Muro do Pátio foi realizada no mesmo dia, pelos alunos da 8ª série e do Ensino Médio. O trabalho é coordenado pelo Grêmio, que escolhe, dentre os trabalhos inscritos, aqueles que irão para os painéis disponíveis. A tema é livre e cada equipe pode ter quantos participantes desejar. Enquanto alguns Alunos usam carvão vegetal para traçar o risco no muro, outros pintam e outros animam a atividade, providenciando um fundo musical.



ALUNOS CANTAM SUCESSOS DA DÉCADA DE 60

FESTA DA MEMÓRIA

Há alguns anos as turmas de 2ª Série do EF realizam uma festa de culminância do estudo do conceito de década, conteúdo de História e Geografia. O projeto inclui, como eixo de trabalho, a pesquisa de fatos e personagens marcantes de algum período de nossa história. Este ano, a escolhida foi a Década de 60. Os Alunos fizeram trabalhos sobre a moda, a televisão, a música, fatos políticos, propagandas e produtos característicos dessa época. A festa “Nesta Manhã Se Improvisa”, realizada no dia **18 de setembro**, reuniu Alunos, Familiares e Professores para um lanche com comidinhas da época (quem nunca ouviu falar de “Nega Maluca?”) e para uma Gincana Cultural, com perguntas previamente elaboradas pelas crianças a partir do estudo da década. Entre uma rodada e outra, grupos formados por pais e/ou crianças apresentaram seus improvisos. Para os adultos, um bom momento de lembranças; para as crianças, a chance de vivenciar um tempo aparentemente distante, mas cheio de significados e marcas de uma época.

MENINAS CANTORAS

No dia 15 de setembro, se apresentaram no Colégio as Meninas Cantoras do Rio Grande do Sul. O coral, composto por 110 cantoras de quatro cidades diferentes – Campo Bom, Bom Princípio, Nova Petrópolis e Novo Hamburgo – se reúne a cada dois anos para cumprir a turnê. Desta vez, elas fizeram apresentações em Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro e Petrópolis. A vinda delas para o Rio, onde foram recepcionadas por nossos alunos-coralistas, partiu de um contato feito entre os regentes Patrícia Costa, do Coral do São Vicente, e Daniel Valadares, do Rio Grande do Sul, que se intercalaram no comando da apresentação.



UM TEATRO ENGAJADO

Repetindo tradição de montagem de textos que levam à reflexão, o Grupo de Teatro Lambanunmai apresentou nos dias 22, 23, 25, 26 e 27 de outubro, a peça “Bailei na Curva”, uma criação coletiva do Grupo de Teatro Do Jeito Que

GRÊMIOS: COM A CORDA TODA

No dia 2 de julho, o Grêmio Estudantil do Colégio São Vicente de Paulo (Greco) convidou os Professores Hugo e Patrick e colocaram Física e Filosofia frente à frente. O encontro serviu para mostrar as semelhanças e as diferenças entre elas e despertar a curiosidade dos alunos sobre estes dois campos de conhecimento

Em agosto, nos dias 23 e 24, foi a vez da Política e o auditório do Colégio foi palco de debates entre candidatos a prefeito e a vereadores. Apesar da ausência dos candidatos Conde (PMDB), Crivella (PL) e César Maia (PFL), o encontro do dia 23, que reuniu Jorge Bittar (PT) e Jandira Feghali (PCdoB), foi um sucesso. Entre os temas abordados pelos cerca de 300 alunos presentes estavam: segurança



DEBATE COM A CANDIDATA JANDIRA FEGHALI ((PCDOB) E JORGE BITTAR (PT)

pública, consumo de drogas e transporte.

“A atualidade das artes visuais” e “Uma iniciação à astrologia” foram os temas de palestras realizadas, respectivamente, nos dias 2 e 3 de setembro. Na primeira, falaram três profissionais das áreas de cinema, televisão e teatro. Para a segunda foram convidados os Professores Jéssica Campos e Rogério Forti, estudiosos do assunto. As palestras serviram para mostrar aos estudantes as atuais condições das artes visuais e para desfazer alguns preconceitos sobre o estudo da astrologia.

Dá, de Porto Alegre. A peça, dirigida pelo Professor Mario Sergio Medeiros, descreve a vida de sete amigos, da infância à fase adulta, tendo como pano de fundo o golpe militar, a influência da contracultura e o rock'n'roll. A história

começa no dia do golpe, que representa apenas mais um feriado escolar para os personagens ainda crianças. Ao longo do tempo, a vida de cada um deles vai sendo modificada pelos acontecimentos políticos e culturais da época. A peça termina no ano de 84, quando os personagens, já adultos, mostram as marcas distintas que os anos de repressão, de liberação sexual, do movimento hippie e das drogas deixaram em suas vidas.

Segundo o Professor Mario Sergio, o texto foi escolhido para atender a um desejo dos próprios alunos, que ficaram muito interessados pelo tema após terem participado de várias atividades desenvolvidas com as turmas do Ensino Médio sobre os 40 anos do Golpe de 1964. “Após o debate com membros do Grupo Tortura Nunca Mais, trazidos ao Colégio pelo professor Wagner (História), os alunos manifestaram vontade de montar uma peça relacionada a esse assunto. Além disso, o texto tem muito a ver com eles em vários aspectos e traz muitas discussões importantes”, disse o diretor.

Mais uma vez, a peça foi um sucesso, dando o que falar e, o mais importante, dando o que pensar.



“BAILEI NA CURVA”: GRUPO DE TEATRO REVIVE A HISTÓRIA RECENTE DO BRASIL





NO DIA DO EDUCADOR: ALUNOS FAZEM FESTA PARA OS MESTRES

AOS MESTRES, COM CARINHO

Estendida a todos os Educadores, as homenagens pelo Dia do Mestre, foram realizadas nos dias 19 e 20 de outubro. A Escola ofereceu um lanche e a alegria ficou por conta de uma “competição”, com direito a prêmio, que reuniu Professores e Funcionários. A brincadeira foi organizada com antecedência, quando foi solicitado que todos trouxessem fotos antigas. Com essas fotos, foram montados cartazes. O objetivo era que, em dupla, os homenageados tentassem adivinhar de quem eram as fotos. A diversão ficou por conta dos comentários e dos erros cometidos. O sucesso foi tanto que os cartazes acabaram sendo mostrados para os Alunos e a brincadeira ainda deu origem a muitas gargalhadas e muitas trocas de identidade.

ELES MERECEM

Comemorar o Dia das Crianças ouvindo música brasileira de qualidade. Esse foi o presente reservado para os Alunos de 3ª e 4ª séries que, no dia 5 de outubro, assistiram ao musical “Santa Ceia do Samba”. O espetáculo foi apresentado por um grupo de Alunos da Escola Municipal Georg Pfisterer, com idade entre 13 e 18 anos e que participam do Núcleo de Arte do Leblon, um dos nove núcleos de Arte da Cidade do Rio de Janeiro. A peça reproduz uma viagem

ficcional de trem, partimos da zona sul em direção a diversos subúrbios cariocas. Nesse percurso, onde o passado e o presente se misturam, os personagens vão descobrindo e inventariando as raízes do ritmo mais tradicional de nossa cultura: o samba.

No dia 8, a festa pelo Dia da Criança continuou, com uma promoção organizada pelo Minigrêmio – que representa os Alunos da 1ª à 4ª série – e pelo Gregi – que congrega os Alunos da

Ação Social

BRINCADEIRAS EM FAMÍLIA

Realizada num sábado, dia 5 de junho, a “Manhã Esportiva” reuniu alunos da 1ª à 4ª séries e seus pais. O intuito de eventos dessa natureza é o de promover a aproximação família-escola de forma lúdica e prazerosa. Pais e filhos participaram de jogos de futebol, queimado, *handball* e vôlei.



MÚSICA E BRINCADEIRA COM O CORAL

5ª à 7ª série. Os Grêmios distribuíram para os Alunos da 1ª à 7ª séries do Ensino Fundamental uma ficha no valor de R\$ 3,00 para ser trocada por um lanche na Cantina do Colégio. Além disso, a meninada de 1ª e 2ª séries assistiu a uma apresentação do Coral, com muita música e brincadeira, e participou de diversas oficinas em sala de aula. Para os Alunos de 3ª e 4ª, uma parte do dia foi reservada para os jogos que eles trouxeram de casa e compartilharam com os Colegas.

SEMANA CULTURAL 2004

Organizada pelo Greco – Grêmio que reúne os Alunos da 8ª série e do Ensino Médio, a Semana Cultural 2004, foi realizada nos dias 18, 19, 20 e 23 de outubro. Nesses dias, o recreio teve duração de uma hora, possibilitando que os Alunos participassem das inúmeras atividades programadas. Na segunda-feira, dia 18, foi dia de música, com a apresentação de duas bandas formadas por Alunos. Para acompanhar, a pedida eram os famosos pastéis vendidos na Barraca do Bigode.

No dia seguinte, foi a vez da 7ª arte e as portas do auditório do Colégio se abriram para uma seção de curtas-metragens produzidos por um Aluno do Curso de Cinema. Na quarta-feira, os Alunos participaram de uma palestra sobre a história e a situação atual do Movimento Estudantil no país. A festa de encerramento da Semana Cultural, foi realizada no sábado, quando foram realizadas duas atividades: no pátio, apresentação dos Alunos de música do Colégio, e, no auditório, palestra sobre o tema “Materialismo x Idealismo”, feita por um estudante de Filosofia. Além disso tudo, também foi possível comprar camisetas estampadas com desenhos feitos por Alunos do CSVP numa barraca que o Greco armou no pátio durante toda a Semana Cultural.

BANDAS DE ALUNOS AGITAM A SEMANA CULTURAL.



COMPROMISSO COM O SOCIAL

Caro Padre Lauro,

Envio-lhe uma matéria muito interessantes que saiu no Jornal da Família do Globo. Ressalto a seguinte parte: "Ter compromisso com o social também pode ser um bom negócio para as escolas (...)". Esse foi um dos motivos que me levou a matricular meus filhos no CSVP há cinco anos. Infelizmente, o nível de engajamento que percebemos já não é mais o mesmo. Não seria a hora de retomar com mais prioridade esse aspecto da Escola?

Ana Lucia Almeida

Prezada D. Ana Lucia,

Obrigado pelo interesse e preocupação. Não sinto que o Colégio tenha perdido seu engajamento no social, pois é uma das marcas que temos insistido em dar às nossas atividades, correspondendo à intuição e às intenções de nosso fundador, São Vicente, com o objetivo de formar pessoas que possam preocupar-se com os Pobres e servi-los com amor de Cristo. Estivemos engajados na Campanha da Globalização da Caridade, que produziu muitos frutos de presença e ajuda e estamos insistindo com os Professores numa segunda fase dessa campanha, que visa despertar para a necessidade de pressões políticas sobre os governantes, quando esse for o caminho para as mudanças de estruturas e de políticas dos países. Citarei algumas coisas que estamos fazendo, nos vários segmentos da Escola.

Na festa junina, houve uma arrecadação extraordinária de víveres e de gêneros de primeira necessidade, que foram distribuídos a instituições do Rio de Janeiro e de Nova Iguaçu. As Voluntárias da Caridade também fizeram boa arrecadação para as cestas básicas que fornecem a moradores de Guararapes e Cerro Corá.

Toda semana, Pais e Mães se mobilizam para ajudar os comitês Graúna e Grauninha, confeccionando brinquedos e artesanatos, com venda destinada a atender a várias creches e asilos. Diversas Mães têm oferecido seu tempo livre para trabalhar com as Voluntárias da Caridade. Algumas Mães e Pais se ofereceram para trabalhar com as Famílias dos presidiários atendidas pelo Dispensário São Vicente e nos serviços de Pediatria.

Nosso curso de corte e costura tem ajudado dezenas de senhoras e moças das comunidades vizinhas e dezenas de Alunas dos cursos noturno e diurno do próprio Colégio. Quase 50 Alunos do 2º Ano do Ensino Médio e alguns Ex-Alunos estão trabalhando como monitores dos Jovens e Adultos, num trabalho social valioso.

As doações de livros usados e de livros ainda úteis têm sido encaminhadas a uma escola paupérrima do Pará e a várias escolas e comunidades carentes. A campanha de trocas de livros teve uma motivação social, que responsabilizou os Alunos, o ano inteiro, para que não estragassem os livros, a fim de poder trocá-los ou doá-los após o uso.

O Colégio, a APM e o Grêmio dos Alunos estão pagando três Professoras do Ceará, que fazem um trabalho de Educação de Adultos na região muito pobre de Jaguaruana. Durante quase cinco anos, o Colégio arcou ainda com as viagens aéreas e terrestres, a hospedagem e o material usado pelos Professores no Projeto Cocos (ver página 11). Nas eleições municipais, o Grêmio organizou debates com Professores e com candidatos e está mobilizando os Alunos para a participação na AMES e na UNE.

Professores têm feito sua formação permanente com as propostas de Educação de Jovens e Adultos na linha da doutrina social da Igreja, da Pedagogia do Oprimido (Paulo Freire) e na linha que nossa Congregação procura dar ao seu trabalho de educação.

Mais informações eu lhe escreveria, mas prefiro remetê-la às edições da revista a **chama** dos últimos anos, que têm mostrado exaustivamente nossas campanhas e seus resultados. Também terei muito prazer em atendê-la, se quiser vir conversar pessoalmente.

Meus cumprimentos amigos, com votos de bom descanso e boas férias para a Família.

Pe. Lauro Palú. C.M. (09/07/2004)

CRÍTICAS E SUGESTÕES

Sempre recebo a **chama** com muita alegria, mas tenho me decepcionado com alguns textos, que não relatam o trabalho realizado ou o pensamento pedagógico da Equipe do CSVP.

Na última edição da revista fiquei frustrada ao ler o texto sobre a Feira das Linguagens. Em nenhum momento percebi interesse em falar do trabalho como um todo. Nas 4ª e 5ª séries, por exemplo, os trabalhos foram desenvolvidos durante todo o trimestre, num projeto realmente interdisciplinar, que nem sequer foi citado. Entendo que não há espaço para tudo, mas percebo que fala-se muito de alguns trabalhos e nada de outros e acredito que todos os projetos deveriam ser apreciados de alguma forma.

Outra sugestão é a de um espaço em a **chama** para falarmos de projetos desenvolvidos fora da escola, nas excursões com objetivos pedagógicos diversos, que fazem alunos e professores mais amigos e mais felizes.

Rosana Mota (06/2004)

OBRIGADA CSVP!

Caro Padre Lauro,

Gostaria de parabenizá-lo pela linda, cuidadosa e sensata circular sobre o problema da segurança (ou insegurança) e pelos eventos organizados no Colégio, os quais considero fundamentais para tentar quebrar o isolamento/egocentrismo que infelizmente caracteriza a nossa atual sociedade.

A partir da leitura dessas circulares, refleti sobre a importância de uma escola como o São Vicente para a educação e o crescimento do meu filho.

Sou uma pessoa só. Meu pai, único membro vivo de minha família no Brasil, mora em São Paulo. O pai do Tobias vive na Itália e, embora visite o filho duas ou três vezes por ano pouco pode fazer nesse cotidiano do crescimento (tão desafiador e ao mesmo tempo tão preocupante) que demanda dedicação, estímulo, orientação, acompanhamento, ajuda.

Trabalhando o dia todo, dedicando praticamente todo meu tempo livre para meu filho, me vejo às vezes confusa, cansada e frustrada achando que não consigo dar conta. E nisso aparece a escola, companheira, dando uma luz, uma referência. Obrigada Padre Lauro, obrigada Colégio São Vicente.

Alessandra Magrini (Tobias - T.31)

2004 / 2005

Quando o menino Jesus cresceu, Nossa Senhora o levou para a escola. Nos primeiros dias, Nossa Senhora ficava perto da porta, olhando o Menino entrar, e dizia que era para ele não ficar inseguro. Depois, Nossa Senhora deixava o Menino andar sozinho, ir sozinho para a escola, entrar sozinho no recreio.

Quando o filho da gente cresce, também o levamos para a escola, também ficamos perto da porta, olhando o Menino ou a Menina da gente entrar, jurando que é para não ficarem inseguros. Depois deixamos nossa Criança andar sozinha, ir para o recreio da sua escola e pouco a pouco criar o seu mundo.

E um dia nos surpreendemos com a segurança deles, com as idéias deles, com os rumos que dão à própria vida. Na pressa com que crescem, nem sempre reparam que nos deixam violentamente para trás e que por isso nem sempre os compreendemos.

* * *

A televisão nos mostra o atentado terrorista na escola de Beslan, centenas de crianças assassinadas, com seus mestres, suas professoras... e, se fosse aqui, o rapaz da limpeza, a moça da cantina, a enfermeira, o porteiro, o pipoqueiro. Mudamos de canal mas a televisão não mostra as crianças mortas nos campos de refugiados de Darfur, no Sudão, as crianças mortas na invasão e na guerra do Iraque, as crianças mortas de fome e de doenças provocadas pela água contaminada em nossas favelas e nas vilas pobres do interior.

Nada disso está tão distante de nós que não possa acontecer conosco, com nossa criança, na nossa escola.

* * *

Nossa Senhora passando na rua, olhando a pequena escola, onde um dia Jesus foi criança, antes de ele crescer, de ele sair pelo mundo, de ele acabar naquela cruz. Nossa Senhora tem saudade, Nossa Senhora sente falta, Nossa Senhora nos entende.

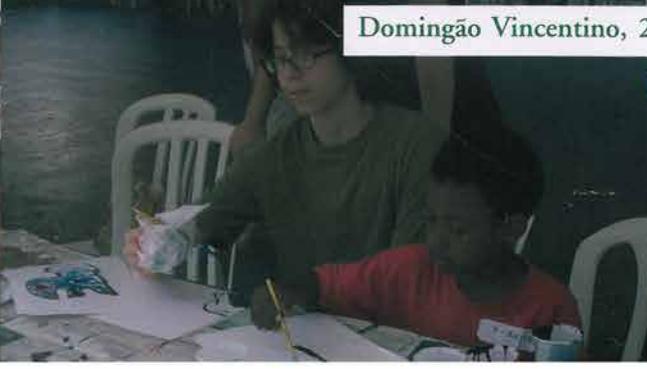
* * *

Nas vésperas de mais um Natal, desejo a todos os membros da comunidade educativa do Colégio São Vicente a paz, a segurança, a alegria, a confiança de que nossos Filhos saem de casa e voltam felizes. Com todos vocês, queremos construir este mundo em que as crianças possam ser felizes e boas e nós possamos viver com elas tranquilos e seguros.

Mas para isso todos sabemos que é preciso mudar o mundo. São nossos votos para o Natal e para 2005.

Pe. Lauro Palú, C. M., diretor.





Domingão Vincentino, 26 de setembro de 2004